

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE ECONOMIA E NEGÓCIOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

JOÃO PAULO APOLARI CAZELLA

**AS MUDANÇAS NA ECONOMIA BRASILEIRA EM DETRIMENTO À PANDEMIA
DA COVID-19.**

**CAMPINAS - SP
2023**

JOÃO PAULO APOLARI CAZELLA

**AS MUDANÇAS NA ECONOMIA BRASILEIRA EM DETRIMENTO À PANDEMIA
DA COVID-19.**

**Monografia apresentada à
Faculdade de Ciências
Econômicas da Escola de
Economia e Negócios da
Pontifícia Universidade
Católica de Campinas como
exigência parcial para a
obtenção do título de
Bacharel em Ciências
Econômicas.**

**Orientador: Prof. Dr. William
Massei**

PUC-CAMPINAS

2023

Monografia apresentada como requisito necessário para obtenção título de Bacharel em Ciências Econômicas. Qualquer citação atenderá as normas da ética científica.

João Paulo Apolari Cazella

Monografia apresentada em ____/____/____

Orientador Prof. Dr. William Massei

1ª Examinador Prof.

Coordenador Prof. Me. Roberto Brito de Carvalho

RESUMO

A pandemia da COVID-19 foi iniciada na China por conta de um vírus de fácil contágio e se alastrou para o mundo todo, causando crises em diversos setores da economia, como turismo, serviços, indústria, comércio e no mercado financeiro, além de uma das maiores crises sanitárias e de saúde de todos os tempos. No Brasil a situação foi considerada alarmante principalmente no primeiro ano da doença, com altas taxa de desemprego, falta de matérias-primas e inflação, além do alto número de casos e mortes, resultante da crise sanitária e da dificuldade para conter o avanço da doença. Neste trabalho serão apresentados dados históricos da doença no país juntamente com as iniciativas públicas e privadas para conter o avanço do vírus, bem como uma análise dos setores da economia brasileira que sofreram variações e mudanças por conta da nova realidade causada pela pandemia.

Palavras-chave: Pandemia. Covid-19. Crise.

SUMÁRIO

1. Introdução	5
2. A pandemia da COVID-19	7
3. Efeitos sobre a economia, políticas fiscais e monetárias	20
4. Consequências da pandemia nos mercados e setores da economia brasileira	33
4.1 Setor de transportes.....	34
4.2 Setor de serviços.....	38
4.3 Setor de turismo.....	40
4.4 Setor industrial.....	43
5. Conclusão	48
Referências	50

1. INTRODUÇÃO

O vírus SARS-Cov-2 denominado Coronavírus trata-se de uma doença respiratória potencialmente grave com alto índice de contaminação, descoberto através de um surto de afetando inicialmente cerca de 50 pessoas na cidade de Wuhan, na China, em dezembro de 2019, de modo que, a maioria desses pacientes tinha frequentado o mercado Huanan (GRUBER, 2020), e rapidamente se espalhou pelo mundo, já que sua transmissão é simples, através da inalação de gotículas de saliva e secreções respiratória.

No Brasil, país que seria um dos principais epicentros da doença no mundo, viria a apresentar o primeiro caso em 26 de fevereiro de 2020, com um cidadão vindo da Itália que teve sintomas gripais, e rapidamente foi se espalhando pelo país. Em abril de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) viria a declarar emergência de saúde pública.

A doença desencadeou uma forte crise mundial, sendo assim, no Brasil não foi diferente, todos os setores adoeceram economicamente, especialmente comercial, industrial e turismo, com a necessidade de isolamento e distanciamento social, muitos tiveram suas portas fechadas devido à queda na demanda, juntamente a problemas econômicos como inflação e perda de poder de compra, seja por desemprego ou pela queda de arrecadação no período. Já o país obteve queda expressiva no Produto Interno Bruto (PIB) no ano de 2020, aumento de gasto público causando endividamento, com programas para tentar amenizar os impactos, desvalorização cambial, além de uma forte queda nos índices do mercado financeiro, como Ibovespa, em especial no mês de março de 2020, causando incertezas e desinvestimento no país.

O objetivo da pesquisa é apresentar dados econômicos e sociais do Brasil durante o período da crise do COVID-19.

Os objetivos específicos são: analisar e relatar os dados econômicos e como foram impactados, além das medidas adotadas pelo Governo Federal durante o período da crise do COVID-19, juntamente à apresentação da história e do desenvolvimento da doença no país. Investigar os setores econômicos e empresas listadas no mercado financeiro a fim de apresentar quais foram seus resultados e como variaram ao longo do período.

Com o intuito de refletir acerca da problematização proposta neste projeto, a metodologia de pesquisa será de uma linha exploratória, com o objetivo de apresentar os dados e os cenários econômicos do Brasil ao longo do tempo. Com isso, os dados utilizados serão de caráter quantitativo, visto que mostrarão números e variações do impacto da pandemia no Brasil.

A revisão de literatura, por sua vez, será baseada em dados governamentais e empresariais que mostram as alterações dos mercados, dos índices e das ações em formato de gráficos e figuras, mas também as opiniões e citações de autores e cientistas a respeito do tema proposto.

Cabe destacar que esta monografia será dividida em quatro partes, além desta introdução. A primeira apresenta dados sociais e sanitários, com uma linha do tempo do período em que a crise do Coronavírus mais afetou o Brasil, incluindo número de casos, mortes e vacinados. A segunda analisa dados econômicos e como foram impactados pela crise, como PIB, inflação, endividamento público, taxa básica de juros e Ibovespa. A terceira analisa dados econômicos e financeiros de caráter setoriais, como comércio, indústria, turismo, transporte, demonstrando a influência também no mercado financeiro e bolsa de valores. E por fim, a conclusão que fecha o tema e apresenta os resultados finais com uma abordagem de todos os impactos e como a doença refletiu economicamente no país.

2. A PANDEMIA DA COVID-19

O vírus tem início no mês de dezembro de 2019, com seus primeiros casos surgindo em 08 de dezembro de 2019 em Wuhan na China, proveniente de morcegos, afetando inicialmente trabalhadores e frequentadores de um mercado atacadista de animais se alastrando rapidamente para outras regiões. Seus sintomas são diversos, porém muito são semelhantes a um resfriado ou até pneumonia. Porém, podem se agravar chegando à insuficiência respiratória, com tosses, febres, perda de olfato e paladar, transmitida através de gotículas de saliva, espirros, contato pessoal ou em objetos contaminados (GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, 2023).

Já em 2020, no dia 05 de janeiro de 2020, é publicado um comunicado pela Organização Mundial Da Saúde relatando um número de 44 casos da doença. Passando para a data de 28 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde admite um alto risco epidêmico no mundo em relação ao vírus. Em 09 de fevereiro de 2020, trinta e quatro brasileiros residentes em Wuhan, epicentro do Coronavírus retornaram ao Brasil através da Força Aérea Brasileira, ao chegar, passaram por uma quarentena de 14 dias na Base Aérea de Anápolis, em Goiás. Durante esse período inicial do Vírus antes de chegar ao Brasil, diversos outros países já tinham entrado para a lista de países em alerta, como Japão, Coreia, Alemanha, França, Itália, dentre outros, ou seja, o vírus já não era exclusividade chinesa (SANAR, 2020).

Em 26 de fevereiro de 2020 é confirmado o primeiro caso de Coronavírus no Brasil, um paciente de 61 anos que acaba de retornar da Itália deu entrada no hospital Albert Einstein no dia anterior. Os números de casos suspeitos começam a disparar no Brasil (UNA-SUS, 2020).

Ao ter a notícia, o ministro da saúde Luiz Henrique Mandetta afirma:

“É mais um tipo de gripe que a humanidade vai ter que atravessar. Das gripes históricas com letalidade maior, o Coronavírus se comporta à menor e tem transmissibilidade similar a determinadas gripes que a humanidade já superou. Nosso sistema já passou por epidemias respiratórias graves. Iremos atravessar mais esta, analisando com os pesquisadores e epidemiologistas brasileiros, qual é o comportamento desse vírus em um país tropical” (MANDETTA, 2020)

Três dias após a confirmação do primeiro caso, é confirmado o segundo, um paciente de 32 anos, também viajou à Itália, também atendido no hospital Albert Einstein em São Paulo, e os números de casos suspeitos não paravam de subir. No dia 5 de março de 2020 confirma-se a primeira transmissão interna do vírus, inicia-se as medidas para detecção e testes e compras de máscaras de proteção, inicialmente para profissionais da saúde que atuavam na rede pública, óculos, álcool em gel e luvas. Os casos vinham aumentando exponencialmente, em 6 de março já passavam de 13 casos confirmados e 768 suspeitos em todo país. O ministério da saúde ampliava medidas para reforçar medidas de assistência hospitalar e infraestrutura, grande problema para o enfrentamento do vírus.

Dentre as medidas listadas pela SANAR (2020):

- a) Primeiros reforços na Atenção Primária, para evitar que as pessoas procurem hospitais em um cenário de grande circulação do Coronavírus;
- b) Programa Saúde na Hora será ampliado nos municípios, aumentando unidades de saúde que ficam abertas até as 22h e aos finais de semana;
- c) Convocação de médicos para o programa Mais Médicos como reforço no atendimento nas Unidades de Saúde da Família (USF);
- d) Organização de rotina de pacientes com doenças crônicas;
- e) Disponibilização da telemedicina no auxílio ao atendimento de doentes graves e ampliação de leitos de Unidades de Terapia Intensiva.

Em 11 de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde declara caráter pandêmico mundial ao Coronavírus, prevendo uma rapidez ainda maior no número de pessoas infectadas nos próximos dias. No mundo haviam 118 mil casos em 114 países com 4.291 mortes por causa da doença. O ministério da Saúde negocia R\$5 bilhões com o Poder Legislativo para ações de enfrentamento do vírus. No dia seguinte (12), o Ministério da Saúde lança um edital com 5.811 vagas para médicos visando atuação nos postos de saúde pelo programa Mais Médicos, distribuídos em mais de 1.800 municípios (BBC, 2020).

O primeiro paciente brasileiro que apresentou infecção pelo vírus confirmada, o chamado “paciente 1” foi curado totalmente apenas no dia 13 de março, dia em que o Ministério da Saúde regulamenta critérios de isolamento e quarentena que iriam ser

aplicados pelas autoridades sanitárias do país. São elas: conter e separar pessoas classificadas como caso suspeito, confirmado, provável (contato íntimo com caso confirmado), portador sem sintoma e tiveram contato com pessoas de casos confirmados. O isolamento deve ser em ambiente domiciliar ou em hospitais públicos ou privados, conforme recomendação médica por 14 dias, podendo ser estendido por igual período após exame laboratorial. O país adotou a quarentena pelo prazo de até 40 dias, podendo ser estendida por tempo necessário, determinada por ato administrativo formal estabelecido pelas secretarias de saúde dos estados, municípios, do Distrito Federal ou ministro de estado da saúde. Em 16 de março, o número de casos confirmados estava em 234 e mais de 2.000 casos suspeitos, o Ministério da Saúde anuncia liberação de R\$ 432.000.000,00 para estados e municípios, recurso esse, voltado para ações de abertura de novos leitos de UTI ou custeio dos já existentes (SANAR, 2020).

No dia seguintes, o Brasil apresenta a notícia mais temida do momento, a primeira morte decorrente de COVID-19. Um homem de 62 anos que apresentava comorbidades, com históricos de hipertensão e diabetes, internado no Hospital Sancta Maggiore, e ainda não estava nas estatísticas do governo, levantando mais suspeitas para outras mortes no período (SP1, 2021).

No mesmo dia da primeira morte, o estado do Rio de Janeiro decreta situação de emergência, define medidas temporárias para prevenção do contágio do Novo Coronavírus. Dentre as medidas, suspensão por 15 dias de eventos, atividades com presença de público, visitas a penitenciárias, visitas a pacientes diagnosticados com COVID-19, aulas na rede pública e privadas, restrição a 30% no funcionamento de bares e restaurantes e 30% nos horários de funcionamento de shoppings centers. O Governo Federal torna crime contra saúde pública a recusa ao isolamento e a quarentena determinada em caráter emergencial, com detenção de um mês a um ano além de multa e autorização de uso policial. O presidente da República, Jair Bolsonaro, determina quais serviços essenciais para o funcionamento do país e não podem parar em meio à pandemia do Novo Coronavírus através do decreto Nº 10.282. Entre elas, estão: assistência à saúde, assistência social, segurança pública, defesa nacional, transporte, telecomunicações e internet, fornecimento de água, coleta de esgoto e lixo, fornecimento de energia elétrica e gás, iluminação pública, serviços de

entrega, serviços funerários, controle de substâncias radioativas, vigilância sanitária, prevenção e controle de pragas, serviços postais, fiscalização ambiental, fornecimento de combustíveis e atividades médico-periciais, dentre outras atividades (GOVERNO BRASILEIRO, 2020).

Dia 23 de março, com mais de 1.800 casos e 34 mortes pelo Brasil, o governo brasileiro restringe a entrada de estrangeiros no país. Estavam na lista: China, membros da União Europeia, Islândia, Noruega, Suíça, Reino Unido, Irlanda do Norte, Austrália, Japão, Malásia e Coréia do Sul. Medida, no entanto, não é válida para quem vem dos Estados Unidos. Também não se aplica a brasileiros nascidos ou naturalizados, nem a imigrantes com prévia autorização de residência no Brasil (SANAR, 2020).

No próximo dia, 24 de março, diante de 2.201 casos e 47 mortes confirmadas, um aumento constante e exponencial, o presidente Jair Bolsonaro critica em pronunciamento à nação o pedido para que a população fique em casa visando diminuir o contágio do vírus, indo contra o que autoridades sanitárias do mundo todo recomendavam, além de culpar a imprensa e meios de comunicação por disseminarem medo aos cidadãos, disse também que a COVID-19 seria apenas uma “gripezinha” e que nada sentiria caso fosse contaminado por apresentar “histórico de atleta” (UOL, 2020).

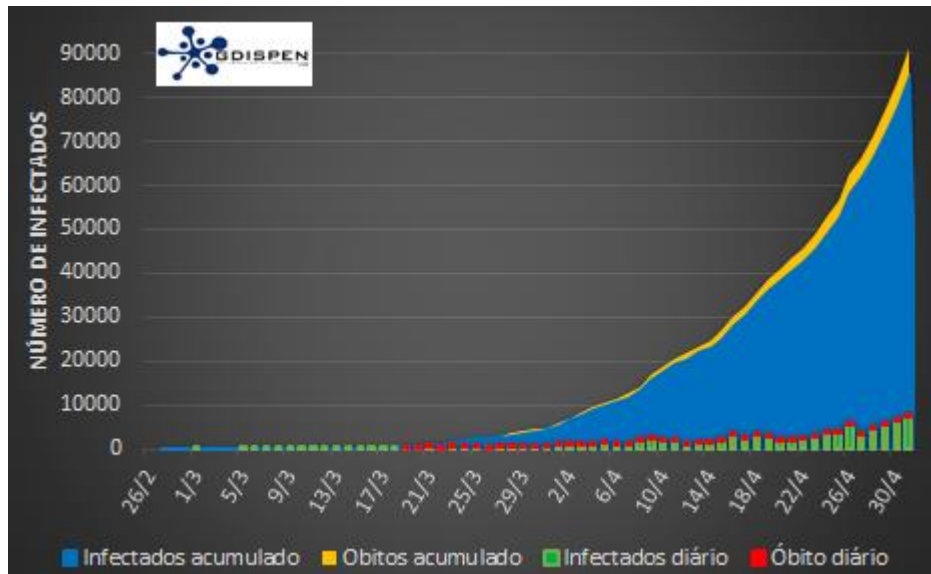
Dia 25 de março, o Ministério da Saúde anuncia R\$600 milhões para estados e municípios reforçarem o plano de contingência para enfrentamento do vírus. O ministro da saúde Luiz Henrique Mandetta anuncia também a distribuição de mais de 3 milhões de unidades de cloroquina e hidroxicloroquina para uso em pacientes com sintomas graves da doença. No dia seguinte (26) é lançado um canal de atendimento via WhatsApp para a população tirar dúvidas sobre a doença, como agir em casos suspeitos, formas de prevenção, dentre outros temas. No último dia do mês de março, 31, Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, revela possibilidade de suspensão de voos provenientes do Brasil, graças a postura apresentada por Bolsonaro perante a doença e as medidas restritivas de enfrentamento. O Brasil encerra o “primeiro mês” da doença por aqui com 5.812 casos confirmados e 202 mortes (SANAR, 2020).

O mês de abril inicia com importantes medidas tomadas pelo Ministério da Saúde, com a distribuição de 500 mil testes rápidos para diagnóstico do vírus destinados principalmente à profissionais da saúde e agentes de segurança que vierem a sentir algum sintoma gripal. Também foi anunciado um investimento de 50 milhões de reais para financiamento de métodos para diagnósticos, tratamento e contenção do vírus. Em 3 de abril, o Governo Federal anuncia R\$ 9,4 bilhões visando o fortalecimento da saúde pública destinados a novos testes, tratamento e equipamentos hospitalares essenciais para essa doença como ventiladores pulmonares, escassos em diversas regiões brasileiras. Já no dia 28 de abril, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) aprova a realização de testes rápidos em farmácias e drogarias pelo Brasil, visando facilitar o diagnóstico (SANAR, 2020).

O Ministério da Saúde, através do decreto Nº 64.959 passa a obrigar que todos devem usar máscaras de proteção, cobrindo nariz e boca, neste mesmo dia foram confirmados mais 1000 novos casos em apenas 24 horas (ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE SÃO PAULO, 2020).

No dia 16 de abril, um mês após a primeira morte decorrente de Coronavírus, o presidente Jair Bolsonaro decide exonerar Luiz Henrique Mandetta do cargo de ministro da Saúde, assumindo, Nelson Teich, que por sua vez declarou que o Brasil precisa ser mais eficiente em termos de logística para distribuição de equipamentos e testes. No entanto, ele compara a situação brasileira à europeia, onde países já enfrentaram o pico da epidemia: a taxa de mortos por milhão de pessoas é 8,17 no Brasil; na Alemanha é 15, na Itália é 135, na Espanha é 255, no Reino Unido é 90, e nos Estados Unidos, 29 (BENITES, BORGES, JUCÁ, 2020).

Gráfico 1: Evolução da Covid-19 no Brasil



Fonte: UFPEL. (2020).

No gráfico 1 nota-se a expansão dos casos de infectados e óbitos no Brasil, e fica nítido o crescimento exponencial desses números, principalmente pós segunda quinzena de março de 2020, necessitando fortemente do isolamento e distanciamento social para reduzir a força desse aumento de casos da doença, que em abril, segundo mês efetivo da doença termina em 90.000 casos.

Já no mês de maio, dia 05, Brasil ultrapassa China em números de mortos, onde o vírus se iniciou, com 7.921 mortos ao final do dia, alcançando a 6ª posição no ranking mundial em números de mortos. Neste dia, o presidente ao ser contestado sobre os dados, afirma: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Sou Messias, mas não faço milagre” (Bolsonaro via CNN, 2020).

Nelson Teich pede demissão do cargo no dia 15 de maio, a menos de 1 mês à frente do ministério. O ex-ministro vinha alertando sobre os riscos da Cloroquina no tratamento de Coronavírus e defendendo o distanciamento social, posicionamentos contrários do presidente Jair Bolsonaro. Eduardo Pazuello toma posse como ministro interino, divulga protocolo para uso de Cloroquina e Hidroxicloroquina em casos leves da doença, porém, a Organização Mundial da Saúde (OMS) afirma que o uso desses medicamentos aumenta os efeitos colaterais do vírus (MACHADO, 2020).

Trump, presidente dos EUA, no dia 24 de maio, proíbe entrada de estrangeiros que saíam do Brasil, em decorrência dos quase 23.000 mortos e 363.211 infectados no nosso país. O Brasil fecha maio de 2020 com 514.849 infectados e 29.314 mortes, números que colocou o Brasil como 4º no total de óbitos, atrás apenas de EUA, Reino Unido e Itália (VASCONCELLOS, 2020).

No dia 05 de junho de 2020, o Brasil recebe o primeiro lote de vacina contra a Covid-19, desenvolvida na Universidade de Oxford, na Inglaterra. Dois mil voluntários brasileiros seriam vacinados no Rio de Janeiro e São Paulo. A primeira vacina é anunciada dia 11 de agosto de 2020 por Vladimir Putin, presidente da Rússia, batizada de Sputnik 5, no entanto, ainda não aprovada pela Organização Mundial da Saúde (OMS). No Brasil, os testes com a vacina CoronaVac seguem com mais de 5.000 voluntários já testados, e o Instituto Butantan, responsável pela vacina, pretende iniciar testes em crianças e adolescentes. Em outubro, dia 05, é anunciada o adiamento das entregas da vacina de Oxford no Brasil. Previstas para chegar em dezembro, foi postergada para janeiro de 2021 com previsão de 30 milhões de doses. Já dia 30, a vacina russa Sputnik 5 teve seu processo de registro na Anvisa iniciado (SANAR, 2020).

O governo brasileiro apresentou um plano de vacinação que seria realizado em 4 etapas, de acordo com grupos prioritários.

As etapas propostas no plano listadas por SANAR (2020):

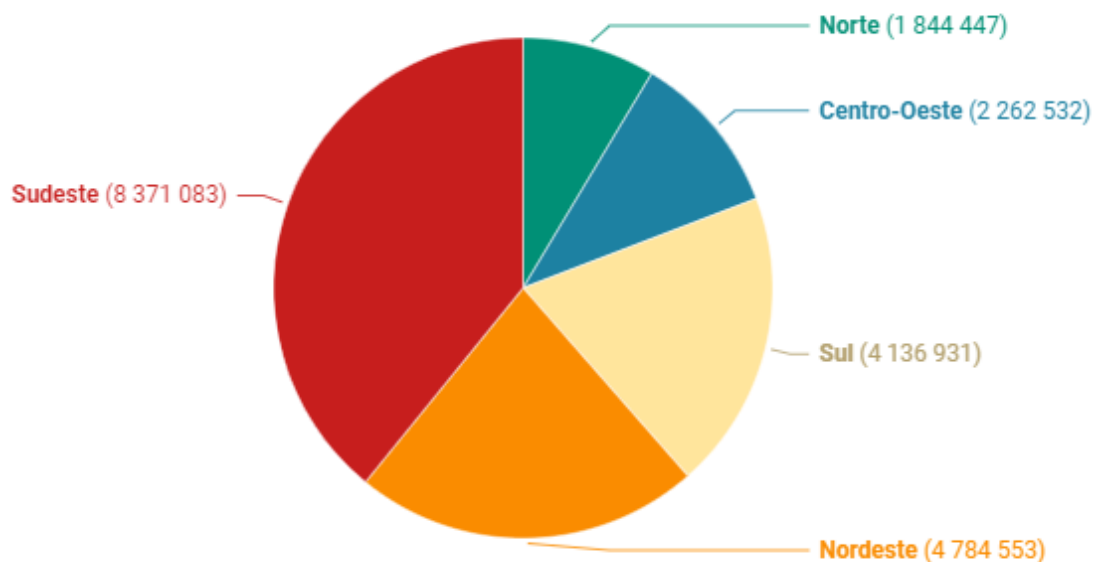
- a) Primeira fase: os profissionais da saúde, idosos com mais de 75 anos, ou com mais de 60 anos que vivem em instituições de longa permanência, e a população indígena.
- b) Segunda fase: idosos com idade entre 60 e 74 anos.
- c) Terceira fase: indivíduos com risco de doença grave, como portadores de doenças cardiovasculares ou renais.
- d) Quarta fase: os professores, profissionais da área de salvamento e força de segurança, funcionários do sistema prisional e população privada de liberdade.

O Governo de São Paulo anuncia a data de início da vacinação para 25 de janeiro de 2021, feriado e aniversário da cidade de São Paulo, (local com maior

incidência de casos e mortes do Brasil), inicialmente para profissionais de saúde, idosos com mais de 60 anos, indígenas e quilombolas comporão o grupo prioritário da campanha, com estimativa de 9 milhões de paulistas vacinados com a vacina brasileira do Instituto Butantan, a CoronaVac, que conseguiu atingir o limite mínimo de eficácia determinado pela OMS, com 50% de eficácia (ALESSI, 2020).

Brasil fecha o primeiro ano da doença com 7.675.781 casos confirmados e 194.976 mortos, com uma taxa de letalidade de 2,5%, que significa a proporção de pessoas infectadas que perdem a vida para o vírus (RONAN, 2020).

Gráfico 2: Casos confirmados por região



Fonte: Estado de Minas. (2020).

O gráfico 2 apresenta uma comparação de número de casos entre as cinco regiões do país. Observa-se que a maior parte de infectados se concentra na região Sudeste com mais de 8 milhões, seguida pelas regiões Nordeste e Sul com mais de 4 milhões de casos de Covid-19.

Na segunda quinzena de janeiro de 2021, a Anvisa aprova para uso emergencial a vacina CoronaVac e a de Oxford. No mesmo dia, a primeira pessoa é vacinada no Brasil, a enfermeira Mônica Calazans de 54 anos, recebendo o imunizante do Instituto Butantan. O processo de vacinação de Mônica foi transmitido

em rede nacional por diversos meios de comunicação. Já no dia seguinte, 18 de janeiro, aviões da Força Aérea Brasileira (FAB) já iniciaram com a distribuição pelo país, dando largada à campanha de vacinação em todos os estados brasileiros com 6 milhões de doses da CoronaVac e 2 milhões de doses da Oxford em disposição (SANAR, 2020).

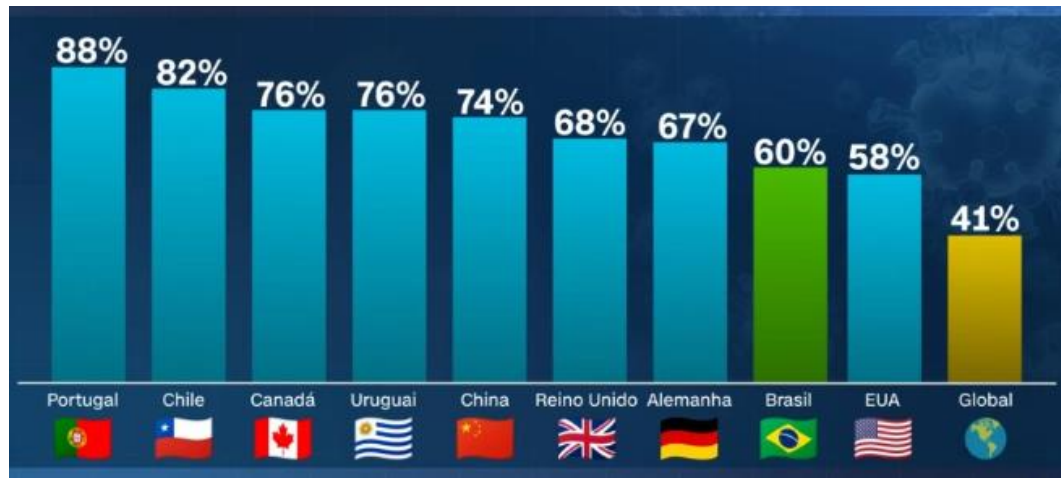
No dia 15 de março de 2021 Jair Bolsonaro realiza uma troca de ministros da saúde, tomando posse Marcelo Queiroga, a troca acontece no pior momento da pandemia no Brasil, com mais de 2.000 mortes diárias decorrentes da Covid-19 e mais de 6.000 pacientes à espera um leito de UTI no país (ORTIZ, 2021).

Em 27 de abril o Senado inicia a “CPI da Covid-19”, um inquérito para apurar ações de governantes e eventuais desvios de verbas públicas enviadas aos estados para enfrentamento da doença, ouvindo autoridades, ex-ministros, executivos de empresas de saúde, dentre outros relacionadas à gestão da pandemia no país (CASTRO, 2021).

Com o avanço vacinal, em 31 de julho, Brasil já apontava uma queda de 42% no número de mortes, com 96 milhões de brasileiros imunizados com ao menos uma dose da vacina. Em 06 de agosto de 2021, 50% da população já tinha se imunizado com pelo menos uma dose e 22% com esquema vacina completo (SANAR, 2020).

Em 14 de novembro de 2021 o Brasil ultrapassa os EUA em porcentagem de vacinação, com 59,8% dos brasileiros com o esquema vacinal completo, enquanto nos EUA estava em 57,6% (PASQUINI, 2021).

Gráfico 3: Vacinação contra a Covid-19 com duas doses



Fonte: CNN. (2021).

O gráfico 3 faz uma comparação entre alguns dos principais países da Europa, América do Sul, América do Norte, China e uma média global de número de vacinados contra a Covid-19 com pelo menos duas doses da vacina. O Brasil ocupava o 8º lugar no ranking com 60%, explicado pelo atraso e desinteresse governamental na vacina no ano de 2020, porém acima da média global que estava em 41%.

No mês seguinte, a Anvisa aprova o uso da vacina Pfizer em crianças de 05 a 11 anos. Neste mês o Brasil fecha 2021 com 80% da sua população vacinada com as duas doses da vacina, com 172 milhões de pessoas com idade acima de 12 anos e uma média móvel de 97 mortes diárias (GOVERNO FEDERAL, 2021).

Em fevereiro de 2022 o mundo marca mais de 400 milhões de casos e mais de 5.700.000 mortos pela doença, aumento dado pela variante “Ômicron”, mais transmissível, porém o avanço vacinal consegue segurar os avanços nos números.

Figura 1: Casos da Covid-19 em fevereiro 2022



Fonte: G1. (2022).

A figura 1 apresenta o número de casos da doença em fevereiro de 2022, quando o índice de contaminação já estava reduzido e mais controlado. O total de casos estava em mais de 401 milhões de casos pelo mundo e quase 6 milhões de vidas perdidas em decorrência da Covid-19.

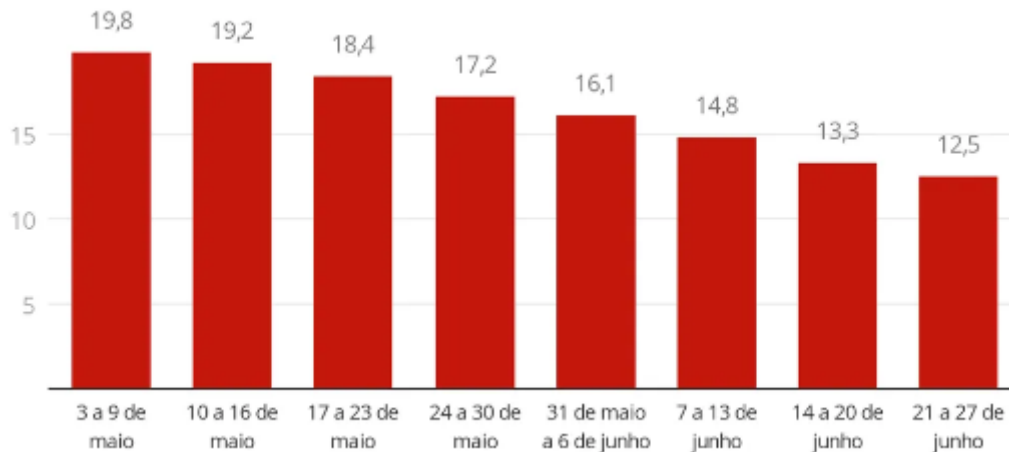
Em 05 de maio de 2023 a OMS declara o fim do caráter pandêmico da COVID-19 no mundo, ou seja, o fim da emergência de saúde pública, decisão essa colocada em prática pelo diretor geral Tedros Adhanom Gherbreyesus após o comitê responsável por emergências analisar o cenário nos últimos períodos. Foi colocado em pauta número de casos e mortes recentes em todas as localidades.

O fim da emergência de saúde pública não resulta o fim geral da doença e extinção do vírus no mundo. O contágio ainda é existente e ainda pode tirar vidas (Ascom SE/UMA-SUS, 2023).

Na questão do trabalho vemos que durante a crise do Coronavírus houve uma alta no número de pessoas afastadas do trabalho devido ao distanciamento social, principalmente quem trabalha por autonomamente de 34,2%, pessoas ocupadas e não afastadas porém trabalhando de forma remota, o chamado *Home Office*, 44,4%,

e 35,9% de pessoas ocupadas obtiveram rendimentos abaixo no normal anteriormente (NARDY, 2021).

Gráfico 4: Trabalhadores afastados na pandemia



Fonte: G1 (2020).

O gráfico 4 faz uma comparação entre maio e junho de 2020 do percentual de trabalhadores que foram afastados de seus empregos durante o período. Observa-se que maio tivemos próximo de 20%, reduzindo um junho, porém com um número ainda alto de 12,5% de trabalhadores fora de seus cargos.

O levantamento feito pelo IBGE nos mostra um crescimento na taxa de informalidade de trabalhos, saindo de 33,9% e indo para 34,5% em junho de 2020, em um dos momentos mais difíceis da crise do COVID-19. Neste mesmo período vemos em números, 10,3 milhões de trabalhadores afastados decorrente do isolamento e distanciamento social, porém em queda comparado ao mês anterior. Nesta pesquisa o IBGE afirma que aproximadamente 17,8 milhões de pessoas deixaram de procurar emprego em decorrência da pandemia ou por não encontrarem vagas em suas localidades (G1, 2020).

A desigualdade junto com o desemprego estrutural causado pela crise da COVID-19 foi mundial, tanto em economias emergentes como desenvolvidas, muitas famílias e empresas sem capacidade financeira para se manter, seja pelo escassez

de empregos, seja pelos altos níveis inflacionários. Dados de uma pesquisa do Banco Mundial de 2021 apresenta um dado de 70% de crescimento na questão do desemprego temporário em todos os países no primeiro ano completo da pandemia, associado ao *lockdown* e distanciamento social (THE WORLD BANK, 2022).

Na questão empresarial, o ponto mais difícil em questão ficou sobre as empresas de menor poder, com acesso restrito à crédito no mercado. O governo brasileiro busca reverter esse quadro com a criação do Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (Pronampe). Essa linha de crédito é atrelada a uma taxa de juros igual a taxa Selic com acréscimo de 6% a.a. (GOVERNO FEDERAL, 2020).

Diante desse cenário, 79% de cidadãos buscaram crédito durante a pandemia de acordo com o Serasa, porém 37% tiveram suas solicitações negadas, seja por inadimplência ou renda baixa (MEIRELLES, 2021). Crédito esse que foi solicitado devido aos níveis inflacionários, que de fevereiro de 2020 a fevereiro de 2022 foi de 15,2% para o índice IPC segundo cálculos da FGV (CAMPELO, BRAZ, LIMA, AZEVEDO, 2022), redução de renda, desemprego, que foi de 10,7% no fim do ano de 2020 segundo a (CEPAL, 2021) falta de insumos para produção principalmente para produtos industrializados e desigualdade que gerou crescimento da pobreza no país, de modo que, em agosto de 2020 saiu de 9,5 milhões e em fevereiro de 2021 estávamos com 27,2 milhões de pessoas na linha da pobreza, 12,8% da população de acordo com projeções da FGV (FIOCRUZ, 2021).

Portanto, diante do contexto da pandemia, bem como do momento pós Covid-19, tanto os mercados quanto as esferas sociais e governamentais agora tem que enfrentar as defasagens e problemas relacionados ao crédito, como o aumento da desigualdade social, desemprego, redução da renda e endividamento. Para isso, a análise seguinte será voltada à performance da economia em geral no Brasil e no mundo durante a pandemia, antes e depois dela.

3. EFEITOS SOBRE A ECONOMIA, POLÍTICAS FISCAIS E MONETÁRIAS

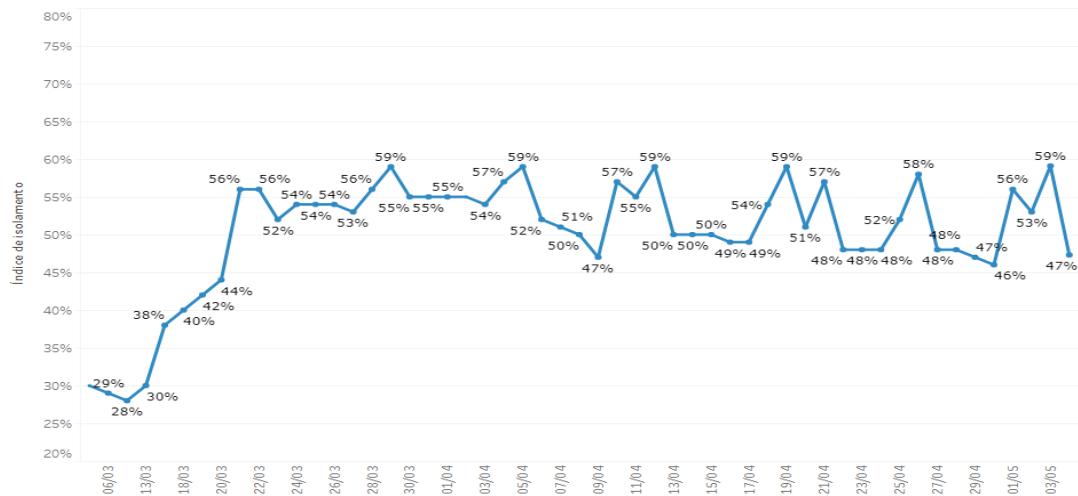
Inicia-se a abordagem sobre os impactos econômicos especialmente no Brasil, com o conceito chave e essencial para redução do número de casos e contaminação pelo vírus, o isolamento social, que por outro lado resultou em queda de fluxo em diversos setores da economia até o fechamento, principalmente, de comércios.

A Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), em março de 2020, previu um custo global à economia mundial de U\$ 2 trilhões de dólares devido a pandemia do COVID-19, tratando-se de um choque maior que as crises financeiras de 2001 graças a desaceleração econômica e 2008 pelas falências do banco americano Lehman Brothers e a queda das bolsas de valores pelo mundo (LOPES, 2020).

Pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), a crise vinda da pandemia do COVID-19 criou um *Great Lockdown* (grande bloqueio). Projetou-se a queda de 3% em 2020, vindo de uma prospecção de crescimento na economia global. Configurou-se a maior recessão econômica no mundo desde a Grande Depressão (crise econômica de 1929), já que nenhum país ficou sem sequelas da pandemia (LOPES, 2020).

Os impactos da crise do COVID-19 foram essencialmente severos, em especial, nas economias emergentes, como o caso do Brasil, que é foco nesta apresentação. À medida que a contaminação pelo vírus aumentava nos primeiros meses de 2020, ficou claro a fragilidade do sistema econômico, social e sanitário brasileiros. Estudos baseados em dados pré-pandemia, indicam que mais de 50% das famílias não possuíam capacidade financeira para sustentar suas despesas básicas por mais de três meses caso houvesse uma perda de renda (WORLD BANK, 2023).

Gráfico 5: Isolamento social no estado de São Paulo



Fonte: Governo do Estado de São Paulo (2020).

Pode-se observar no gráfico 5, apresentado pelo Governo do Estado de São Paulo que o crescimento do isolamento social no início de 2020 foi inevitável, acompanhado pelo restante do Brasil, porém insuficiente para contenção real da proliferação da doença no país, devido a abstração do poder real do vírus, seja por parte de cidadão ou por parte de referências políticas, enquanto a orientação por profissionais da saúde era efetivar um isolamento social pesado até pela visível superlotação que viria a acontecer em UTI's, falta de respiradores, dentre outros problemas enfrentados.

Com ênfase na América Latina, é possível ver que as estratégias adotadas para contenção do vírus, evitando fechamentos de fronteiras, distanciamento social menos frequente, embora tivessem inúmeras recomendações de autoridades sanitárias, observa-se a interrupção da atividade econômica com contração de preços de matérias-primas, baixa demanda por turismo e comércio, maior custo de crédito devido à incertezas, que gerou reduções drásticas dos índices econômicos e sociais dos países latinos (LOPES, 2023).

Gráfico 6: Mudança nas buscas por crédito, por grupo de renda do país, 2018-2021 (por trimestre)



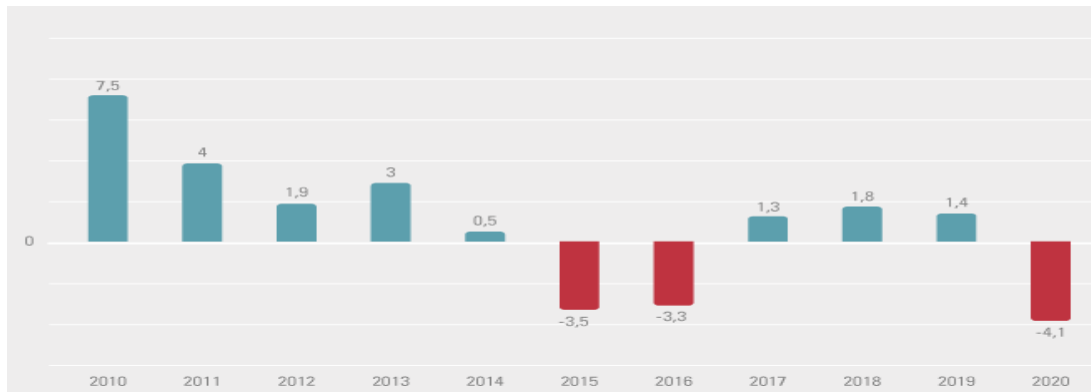
Fonte: World Bank (2023)

O gráfico 6 elaborado pelo World Bank se trata de uma análise com base em pesquisas dos Banco Centrais sobre condições de crédito à famílias, constatando que havia restrições de crédito desde o início da crise (WORLD BANK, 2023).

O resultado econômico é visto, principalmente, em um dos principais índices para medição do desempenho econômico do país, o PIB. Segundo IBGE (2021), em 2020 o PIB brasileiro caiu em 4,1% comparado ao ano anterior, sendo a menor taxa da série histórica que iniciou em 1996. Apenas a agropecuária, um dos principais setores brasileiro, apresentou um aumento de 2%, enquanto na indústria houve uma queda de 3,5% e serviços 4,5%. Totalizando R\$ 7,4 trilhões no primeiro ano da pandemia e o PIB per capita termina em R\$ 35.172,00 com queda de 4,8%, sendo também a menor taxa da série histórica.

Nesse ano, com o cenário em queda do nível de atividade, observou-se a necessidade de auxílio estatal a fim de evitar ainda mais dificuldades ou até encerramento de atividades de empresas e preservar renda da população.

Gráfico 7: PIB 2010-2020 a preços de mercado



Fonte: Suno (2021).

O gráfico 7 representa a variação do Produto Interno Bruto brasileiro nos anos de 2010 a 2020. Conclui-se que a queda do PIB no ano de 2020, primeiro ano efetivo da pandemia do Covid-19 apresentou uma queda de -4,1% comparado ano de 2019, de modo que, a retração resultante da queda do nível de atividade e incertezas fez com que o PIB tenha apresentado uma queda ainda maior que a crise brasileira no ano de 2015 e 2016.

Já no ano de 2021, segundo ano efetivo da crise, observou-se um retorno ao crescimento das atividades econômicas, com PIB crescendo 4,6% em relação a 2020, fechando em R\$ 8,7 trilhões, devido ao desenvolvimento da indústria e serviços, especialmente construção civil, com aumento de 9,7%, porém a agropecuária passa por uma leve queda de 0,2%. O PIB *per capita* alcançou um aumento real de 3,9% comparado ao ano anterior (IBGE, 2022).

As medidas tomadas pelo governo influenciariam na política fiscal brasileira, aumentando o gasto público e elevando o nível de dívida estatal. Medidas essas, que viriam como financiamento de salários pelo período de suspensão do contrato de trabalho, linhas de crédito com taxas reduzidas especialmente ao microempreendedor individual, como o PRONAMPE. Essas medidas do Governo Federal poderiam “salvar vidas” como dito pelo próprio Mansueto de Almeida, com a relação dívida/PIB podendo fechar próxima de 90% (FREITAS, LIMA, 2020).

O aumento da dívida pública é seguido pelos demais países como meio de contornar os problemas econômicos e sociais vindos da pandemia do COVID-19, como medidas de transferência de renda, como o Auxílio Emergencial, implementado pelo Governo do Brasil em 2020, inicialmente prometido um valor de R\$ 200,00 para 38 milhões de trabalhadores autônomos e informais no período de três meses, desde que não estivesse recebendo outro benefício social. Houve uma insatisfação generalizada devido ao valor considerado baixo. Após semanas de pressão, em 2 de abril de 2020, aprovou-se a Regra Básica Emergencial no valor de R\$ 600,00 ou R\$ 1.200,00 para mães-solo que atuavam no mercado informal, autônomas ou no empreendedorismo individual, por três meses, com idade mínima de 18 anos, renda familiar de até 3 salários mínimos ou familiar *per capita* de até meio salário mínimo, e não possuir nenhum outro benefício social, com exceção do Bolsa Família (CARVALHO, MARINS, RODRIGUES, SILVA, SILVA, 2021).

O Brasil vinha também de um programa de privatizações e concessões, dessa forma, o governo poderia arrecadar recursos amenizando os efeitos do aumento da dívida pública devido às políticas de transferência de renda, já que a arrecadação do governo via impostos já havia sido reduzida drasticamente por conta da queda de atividade, como por exemplo, Imposto de Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) e o Imposto sobre Serviços (ISS), tornando-se nítida a necessidade de investimento privado para compensar a falta de recursos públicos (FREITAS, LIMA, 2020).

O aumento geral da dívida pública é atrelado a riscos para a recuperação econômica, de forma que, um governo super endividado não tem capacidade para investimentos em bens públicos, como educação, segurança, saúde, influenciando negativamente no desenvolvimento humano e crescimento da desigualdade, comum nas maiorias das economias emergentes. Essa dívida pública causa uma limitação no combate a choques futuros (WORLD BANK, 2023).

Como forma de resolução do superendividamento, pode-se considerar um plano de reforma fiscal e econômica de médio e longo prazo, utilizar de recursos de instituições financeiras internacionais como o Fundo Monetário Internacional (FMI) ou Banco Mundial, que frequentemente entram com papel essencial no processo de

reestruturação de dívidas em economias emergentes por meios de financiamentos. (WORLD BANK, 2023).

Gráfico 8: Dívida pública em relação ao PIB (2002-2020)



Fonte: Valor Econômico (2020)

O gráfico 8 representa a evolução do endividamento público em relação do PIB. Pode-se acompanhar que a partir de 2013 houve um crescente aumento nessa relação, porém em 2020 há um forte aumento, resultante das políticas fiscais e econômicas adotadas para buscar reduzir o efeito da crise da pandemia na sociedade brasileira, aumentando o gasto e endividamento do governo.

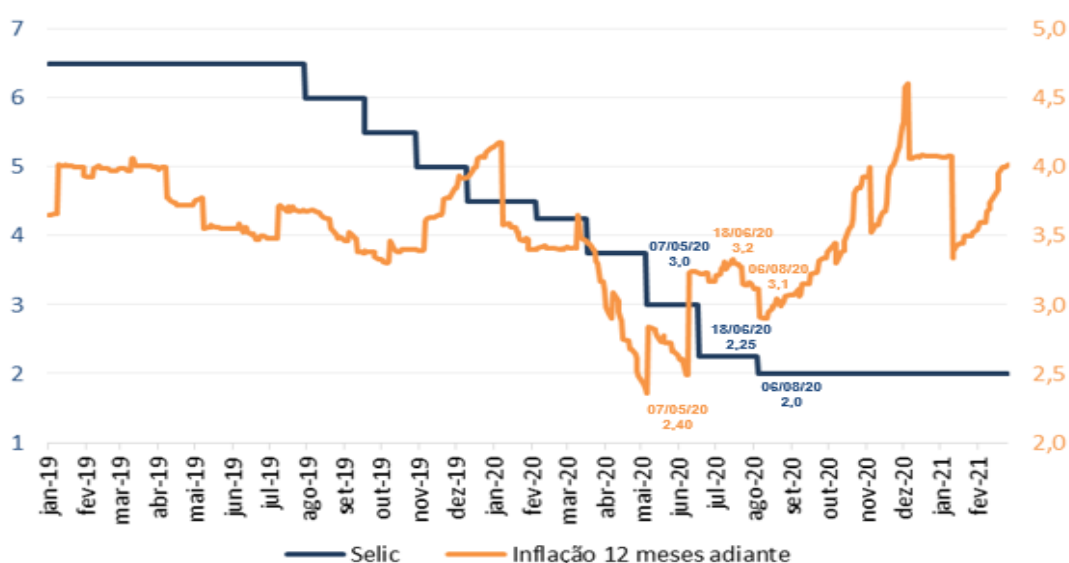
Na política monetária inicia-se um processo de queda na taxa básica de juros (SELIC), o principal instrumento da política monetária utilizada pelo Banco Central do Brasil, forçada pela queda na demanda efetiva e na pressão inflacionária (FREITAS, LIMA, 2020). A queda na SELIC visava impulsionar um aquecimento na economia, incentivando o consumo e diminuindo o custo por crédito, colocar o índice da inflação próximo da meta e aumentar a liquidez de moeda (CONTE, CORONEL, PINTO, 2020).

A SELIC influencia toda as taxas de juros do país, desde empréstimos, financiamentos, aplicações financeira. É apurada nas operações de empréstimos diários entre as instituições financeiras que utilizando os títulos públicos federais como garantidor (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2023). Dessa forma, tem-se a SELIC

como um instrumento monetário que pode controlar preços e taxas de juros da economia juntamente com a liquidez.

Porém, a política monetária expansionista adotada com as quedas na SELIC não apresentaram o efeito desejado mesmo chegando ao menor patamar histórico, 2,00%, que ficou desde a reunião do Comitê de Política Monetária (COPOM) de agosto de 2020 até março de 2021, como pode-se observar no gráfico 9, que mostra um comparativo da evolução da taxa Selic comparada à inflação brasileira. Essa mudança na taxa básica de juros do Brasil, não apresentou o reaquecimento da economia, e o volume de empréstimo foi reduzido, mesmo à uma taxa mais baixa, devido a risco e incertezas, cresce o índice de inadimplência no Brasil (FREITAS, LIMA, 2020).

Gráfico 9: Evolução da taxa SELIC comparada à inflação



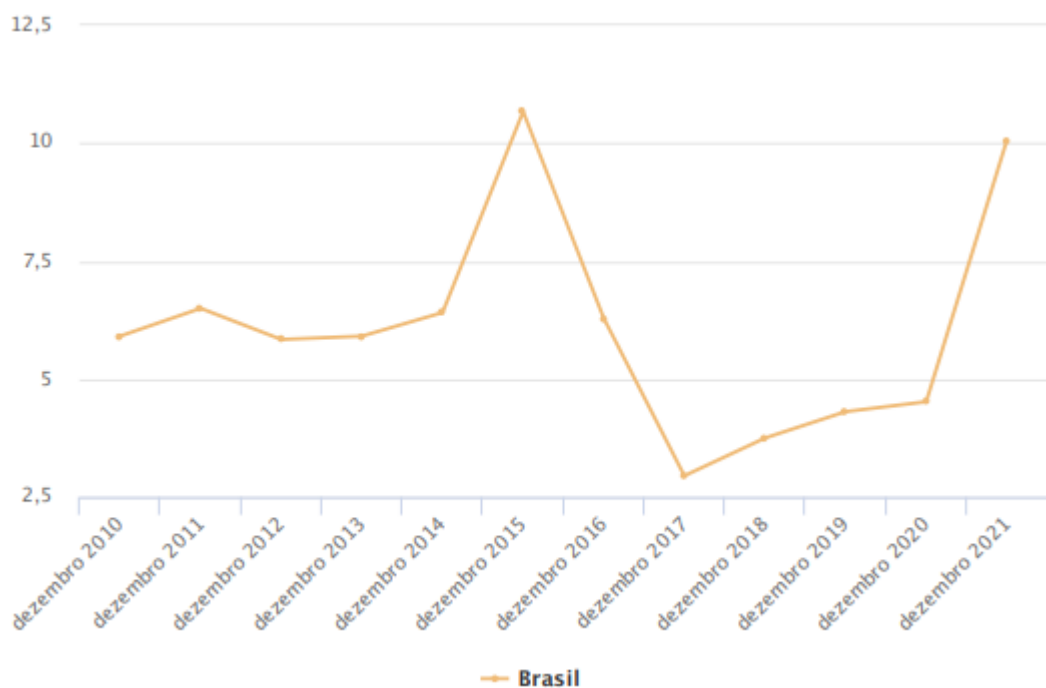
Fonte: FGV (2021).

A partir de agosto de 2020 inicia-se o aumento inflacionário a níveis superiores aos anteriores à pandemia. No primeiro ano efetivo da doença no Brasil, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), principal índice de mensuração da inflação no país, fechou em alta de 4,52%, maior desde 2016 (IBGE, 2021). Vale ressaltar que esse índice tem por objetivo medir a inflação entre produtos e serviços

no varejo, referente ao consumo das famílias cujo rendimento varia de 1 a 40 salários mínimos, resultando no poder de compra final dessa família.

O processo inflacionário, do ano de 2021, Brasil fecha na segunda maior alta em 10 anos, com aumento de 10,06%, ficando atrás somente do ano de 2015, dados referente ao Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). Este forte aumento da inflação brasileira, foi influenciado principalmente pelo setor de transporte, habitação e alimentação, que juntos somam aproximadamente 79% do IPCA do ano abordado (GOMES, 2022).

Gráfico 10: Variação IPCA anual



Fonte: Gomes, 2022

O gráfico 10 representa a variação do IPCA, um dos principais índices que mede a inflação brasileira, podemos ver uma linha de tendência crescente principalmente após 2020. Dessa forma, o poder de compra do brasileiro obteve uma

perda expressiva com aumento do IPCA de 4,52% e 10,06% em 2020 e 2021 respectivamente.

Em relação ao câmbio brasileiro, o dólar inicial o ano de 2020 cotado a R\$ 4,02, atinge a primeira marca dos R\$ 5,00 em 16 de março de 2020, atinge sua marca histórica de R\$ 5,90 em maio de 2020 e fecha o ano em R\$ 5,19. A desvalorização cambial brasileira no primeiro ano da pandemia, em relação à conjuntura social, sanitária e dificuldades econômicas, desestabiliza a economia interna (LIMA, 2022).

Uma desvalorização cambial resulta no geral em uma perda de poder de compra, especialmente a produtos importados ou com matérias-primas vindas do exterior ou atreladas a moedas estrangeiras, em conjunto com a taxa Selic baixa, que historicamente possuiu uma tendência a aumento de liquidez e aumento inflacionário.

Olhando para a balança comercial brasileira, em decorrência da crise, o faturamento do Brasil com exportações apresentou uma queda de 6,9% comparado a 2019 com valor total de US\$209,8 bilhões, e importações caíram 10,4% no mesmo período, com total de U\$158,93 bilhões. A China foi o principal importador brasileiro correspondendo a 32,3%, um aumento de 7% comparado a 2019. EUA vem em segundo lugar, com 10,2% no total de exportações, porém com queda de 27,7% em relação ao ano anterior (MOTA, 2021).

A tabela 1, compara os principais produtos exportados pelo Brasil, em especial as *commodities*, deixa claro a dependência brasileira nas exportações de produtos primários e a concentração em determinados países importadores, como China e EUA.

Tabela 1: Exportações brasileiras em 2020

Principais produtos exportados	Exportações (US\$ milhões)		Ganho ou perda	
	2019	2020	US\$ milhões	Toneladas
1. Minério de ferro e seus concentrados	22.680,9	25.780,5	3.099,6	-245,0 mil
2. Minério de cobre e seus concentrados	2.325,7	2.408,9	83,2	-13,3 mil
3. Ouro, uso não monetário	3.658,4	4.903,4	1.245,0	5,043
4. Minério de manganês	490,1	346,6	-143,5	-712,9 mil
5. Minério de alumínio	258,3	169,5	-88,8	2.580,0 mil
6. Demais minérios	87,2	178,8	91,6	220,3 mil
7. Indústria extrativa mineral (1 + ... + 6)	29.500,6	33.787,7	4.287,1	1.829,1 mil
8. Óleos brutos de petróleo	24.199,5	19.613,8	-4.585,7	-9.928,7 mil
9. Indústria extrativa (7 + 8)	53.700,1	53.401,5	-298,6	...
10. Soja e seus derivados ¹	26.773,5	29.327,6	2.554,1	8.968,9 mil
11. Diversos tipos de carnes ²	15.015,3	15.566,1	550,8	352,2 mil
12. Milho	7.212,2	5.786,1	-1.426,1	-8.323,7 mil
Subtotal (9 + 10 + 11 + 12)	102.701,1	104.081,3	1.380,2	...
Demais produtos	122.682,4	105.797,1	-16.885,3	...
Total	225.383,5	209.878,4	-15.505,1	

Fonte: Mota, 2021

Os níveis de emprego também apresentaram queda, especialmente a partir de março de 2020, início efetivo da pandemia no Brasil. A taxa de ocupação brasileira passa de 53,5% no último trimestre de 2019 para 47,1% no segundo trimestre de 2020 (GOVERNO FEDERAL, 2022). Nesse ano, a maior queda foi na empregabilidade sem vínculos formais, uma queda de 12,6%, enquanto trabalhos formais apresentou uma queda de 4,2%. A forte queda dos empregos informais está atrelada redução de espaço para trabalhadores que trabalham por conta, sem CNPJ e sem carteira assinada, principalmente graças a redução de atividade econômica brasileira (FILHO, PERUCHETTI, 2021).

Levando em consideração as taxas de crescimento da população ocupada por grau de instrução, apenas trabalhadores com ensino superior completo não sofreram uma queda no ano de 2020 comparada a 2017 a 2019, enquanto para trabalhadores sem instrução até superior incompleto a taxa variou de -17,1% a -6,4% (FILHO, PERUCHETTI, 2021). No geral, o Brasil fecha o ano de 2020 com taxa de desemprego a 13,5% (BARROS, 2021). No próximo ano, o Brasil e o mundo visam a recuperação das atividades econômicas, e por consequência, a contratação de trabalhadores. Os setores de construção civil e serviços foram os mais destacados nas contratações. Assim, o país fecha o ano com desemprego de 11,1%, uma leve melhora comparado

ao ano anterior de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) divulgada pelo IBGE, responsável pela pesquisa e contabilização sobre o índice de desemprego (GOVERNO FEDERAL, 2022).

Sobre o mercado financeiro, inicia-se a abordagem com o principal índice da bolsa de valores do Brasil, o Ibovespa, que reflete o desempenho médio das cotações das ações negociadas na B3. Antes da crise da COVID-19, esse índice vinha passando por constantes altas no longo prazo, desde 2016, batendo recorde até então de 118.000 pontos em janeiro de 2020. Neste período pré pandemia diversos setores estavam em destaque no Brasil, como farmacêutico, automotivo, eletroeletrônicos, energia, têxtil e principalmente agronegócio.

Já no mês de março de 2020, mês em que explode a pandemia no Brasil, o mercado passa por uma tremenda instabilidade, com o Ibovespa caindo 29,9%, maior queda mensal em 22 anos, chegando a 73.000 pontos. Devido a essa sequência de quedas abruptas, nos dias 09, 11, 12, 16 e 18 de março, acontece os chamados *Circuit Breakers*, quando o índice Ibovespa cai 10% ou mais em relação ao valor do fechamento do pregão anterior, interrompendo as negociações por 30 minutos, não havendo nenhuma operação de compra ou venda de papéis.

O mercado financeiro mundial também sofreu impacto devido à crise do petróleo com conflitos entre Rússia e OPEP, desvalorizando a commodity e ações de empresas do setor petrolífero.

Gráfico 11: Índice Ibovespa 2020-2022



Fonte: InfoMoney

O gráfico 11 mostra a evolução do índice Ibovespa, principal índice da bolsa de valores brasileira, que representa um cálculo médio de acordo com o desempenho das principais ações presentes na B3, e podemos concluir que a partir de março, com a explosão da doença pelo mundo e por consequência aqui no Brasil, houve uma forte retração do mercado, graças a incertezas e desinvestimentos, e somente a partir de 2021 o mercado passa a operar de forma constante perto dos resultados obtidos anteriormente à crise, acima de 100.000 pontos.

A crise afeta os investimentos brasileiros, no acumulado de 2020 a queda é de 5,5%, grande parte dela devido à incerteza fiscal plantada no mesmo ano, com aumento de gasto público e políticas necessárias de transferência de renda e também pela taxa de juros, em recordes de queda desde julho de 2019 a 6,00% até atingir 2,00% em agosto de 2020 (ALVARENGA, GERBELLI, MARTINS, 2020).

No final da década passada, houve uma explosão de novos investidores na bolsa de valores brasileira, com mais de 1 milhão de pessoas em 2 anos. Esse novo público investidor foram os mais afetados pela crise e volatilidade resultante da pandemia do COVID-19. Os setores mais atingidos no início foram comércio e serviços, transportes e aviação, especialmente pelas restrições nas fronteiras pelo mundo e necessidade da contenção das interações humanas para reduzir o contágio (ARAÚJO, SANTOS, 2020).

Durante a pandemia, houve uma grande entrada de pessoas físicas na bolsa de valores brasileira, continuando o processo de novos investidores que havia pré pandemia. De março a julho mais de 900 mil investidores foram adicionados a B3, compensando a retirada de capital estrangeiro no país. O grande número de novos investidores também foi fomentado devido a Selic Meta estar em seu menor patamar histórico durante o ano de 2020, obrigando investidores a migrarem para renda variável se quiserem obter algum rendimento significativo em seus ativos, mostrando que mesmo em épocas de volatilidade, a renda variável pode ser atrativa (ARAÚJO, SANTOS, 2020).

Sendo assim, segundo (CEPAL), os resultados da crise da pandemia do COVID-19 na economia dos países latino americanos, levou à recessão mais forte na história dessa região, aumento do desemprego em 8,1% de 2020 para 2021, com 44

milhões de desempregados, aumento da taxa de pobreza em 7% e 4,5% na pobreza extrema, a queda na atividade econômica leva um declínio de aproximadamente 10 anos. Por consequência, o índice de Gini, que mede a desigualdade social de determinada região, aumenta em 4,9%. Os países da América Latina foram um dos mais afetados pela doença, por se tratar de uma região mais desigual, aumentou a vulnerabilidade para a crise.

4. CONSEQUÊNCIAS DA PANDEMIA NOS MERCADOS E SETORES DA ECONOMIA BRASILEIRA

Este capítulo abrange uma abordagem setorial da economia, de modo que, segundo o Ministério da Economia (2022), os setores mais afetados pela crise do COVID-19 no Brasil foram: atividades artísticas, transportes, alojamento, alimentação, indústria, comércio e serviços. Setores esse, cujo faturamento apresentou uma enorme variação comparado ao período pré pandemia.

No geral, praticamente todos os setores econômicos no Brasil apresentaram queda na atividade econômica, com exceção do setor primário, como agropecuária, setor de seguros, impulsionado pela incerteza devido à doença, comunicação, imobiliária e extrativista (GOMES, 2022). Essa forte queda, especialmente no ano de 2020, início da doença, resultou no decréscimo do PIB em preços de mercado em 4,1% comparado ao ano anterior, que tinha apresentado uma alta de 1,4%.

Ainda em 2020, observamos que a queda do consumo das famílias foi de 4,4%, que segundo Gomes (2022), esse consumo representa 61,8% do PIB brasileiro. A redução do consumo apresentou esse resultado puxado principalmente pelo setor de serviços, que houve uma retração de 10,2%, alimentação e bebida com -29%, devido à baixa participação de bares e restaurantes por conta da recomendação de isolamento social.

Gráfico 12: Variação do valor adicionado no PIB por setores da economia em 2020



O gráfico 12 representa o valor adicionado no Produto Interno Bruto brasileiro de cada setor da economia no ano de 2020. Nota-se a agropecuária que se manteve em destaque positivo e menos afetado pela pandemia devido à baixa necessidade de distanciamento social e medidas de contingência perante ao vírus do Covid-19. Por outro lado, transporte, serviços dentre outras atividades em especial do setor terciário, aparecem como destaque negativo, com uma variação do valor adicionado no PIB de até -12,7% no caso do setor de transporte devido à redução da atividade econômica e retração da demanda e matérias primas para produção. A variação da indústria de transformação ficou em -4,7%, construção com -2,1% e comércio com -1,5%.

4.1. Setor de transportes

Falando especialmente do setor de transporte de passageiros, observa-se uma queda acentuada tanto no meio urbano quanto no meio rodoviário ou aéreo. No transporte urbano por meio de ônibus, houve uma redução de faturamento de mais de 50%, especialmente pela suspensão de atividades educacionais e isolamento social devido à transmissão do vírus. Vale ressaltar que empresas de transporte urbano já apresentavam queda em seu faturamento devido a ascensão de transportes por aplicativos, além da adesão do trabalho remoto por muitas empresas durante o período pandêmico. Já o transporte metro-ferroviário apontou queda de faturamento de mais de 80% no período da crise. No que diz respeito ao transporte rodoviário, a queda da demanda passou de 40% em decorrência à restrição de movimentação entre estados visando redução do contágio (CNT, 2023).

No setor de transporte aéreo, as consequências foram mais abruptas. Estima-se uma queda de 85% no faturamento das companhias, com falta de demanda, fechamento de aeroportos e paralisação de voos (CNT, 2023). Companhias aéreas como a LATAM Linhas Aéreas, realizou durante o período de crise, demissões em massa de 2.758 funcionários, tratando-se de 39% de seus tripulantes. Já a Azul Linhas Aéreas realizou a demissão de 7% do quadro de seus funcionários. Já o número de passageiros transportados em 2020, primeiro ano da crise, teve uma diminuição de 60% comparado a 2019 (DELPHINO *et al.* 2022).

Levando em consideração o transporte de cargas, as empresas também perceberam reflexos da pandemia, em consequência aos fechamentos de estabelecimentos comerciais, desaquecimento da atividade econômica e da quantidade demandada de produtos, paralisações de indústrias, escassez de matérias primas, apresentando então um risco de desabastecimento de cidades e fechamento de transportadoras. Consequências essas que também afetaram empresas de transporte aquaviário e ferroviário (CNT, 2023).

Gráfico 13: Ações Azul Linhas Aéreas (AZUL4) no período de janeiro de 2020 à janeiro de 2022



Fonte: Infomoney

Observa-se no gráfico 13 a forte queda das ações da companhia aérea Azul no mês de março de 2020. Mês esse que o preço de cada ação caiu de R\$ 60,00 para aproximadamente R\$ 10,00. Com o passar do tempo, houve uma tentativa de recuperação, porém devido à incertezas ainda não recuperado o preço negociado no período pré pandemia, sendo que em junho de 2021 o preço da ação dessa companhia aérea beirou os R\$ 48,00.

Gráfico 14: Ações Grupo CCR (CCRO3) no período de janeiro de 2020 à janeiro de 2022

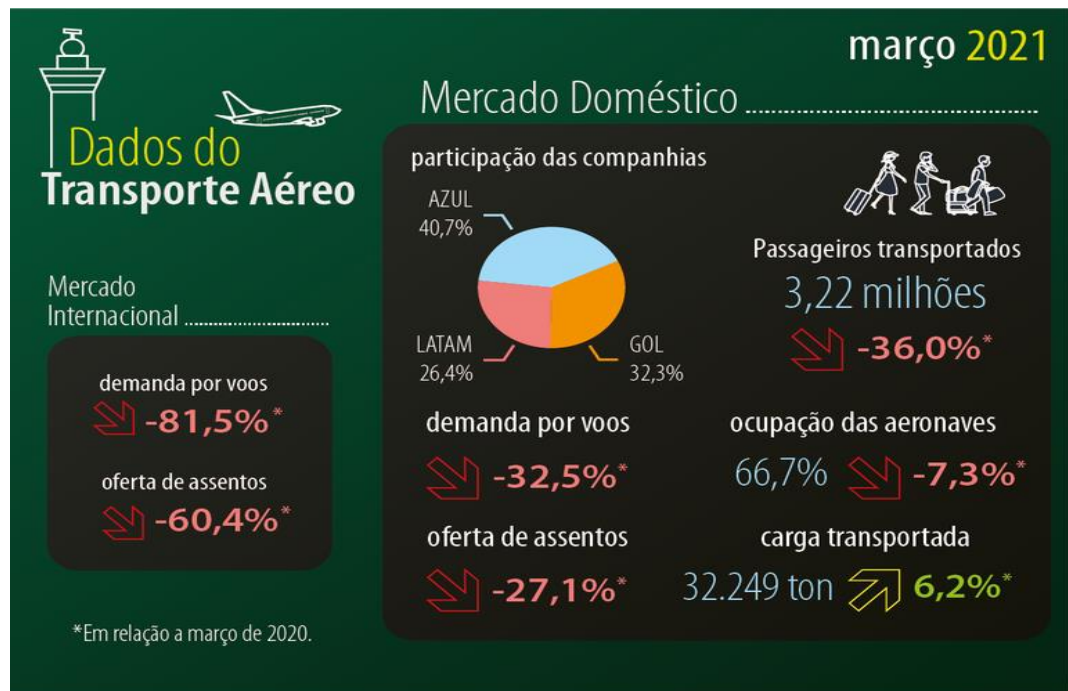


Fonte: Infomoney

Comportamento parecido tem-se com os papéis do grupo CCR, representado pelo gráfico 14, empresa essa que possui concessões de infraestrutura, como rodovias, aeroportos, dentre outros. Apresentou uma forte queda nos meses de março e abril de 2020, saindo de mais de R\$ 18,00 para R\$ 9,00 o preço de cada ação do grupo.

Para ambos casos apresentados, a explicação da tal volatilidade nos preços dos ativos trata-se da falta de atividade econômica e quantidade demandada, baixa movimentação de pessoas devido ao período de isolamento social, queda na quantidade ofertada de matérias-primas e bloqueio de movimentações de pessoas entre alguns estados.

Figura 2: Dados do transporte aéreo primeiro trimestre de 2021



Fonte: Governo Federal, 2021

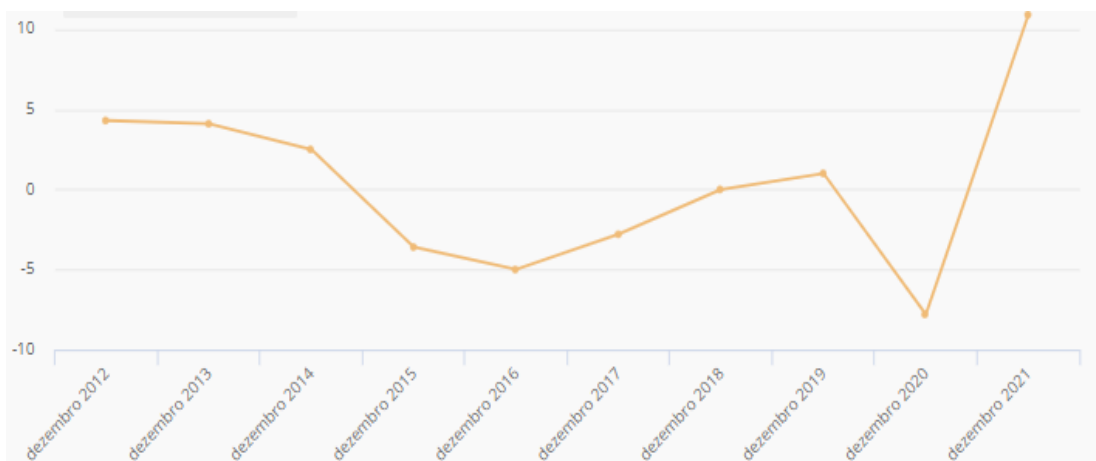
Segundo a Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC), órgão responsável por regular e fiscalizar as atividades referentes à aviação e infraestrutura de aeroportos no Brasil, nos três primeiros meses de 2021 houve uma redução de 32,5% na demanda por voos domésticos comparado aos três primeiros meses de 2020, período anterior à explosão dos casos da doença no Brasil. A mesma retração na demanda aparece para voos com destino ao transporte de carga, que de no primeiro trimestre 2020 comparado à 2021 apresentou uma queda de 10%. A oferta por voos domésticos também apresentou uma queda de 37,8 comparado ao mesmo período do ano anterior. Para voos internacionais, o impacto foi ainda maior, com queda de 81,5% na demanda e 60,4% na oferta durante o período estudado. Essas variações estão ilustradas na figura 2, elaborada pelo Governo Federal. O fato que explica esse resultado é devido ao setor de transporte aéreo ser essencial para a contenção do vírus, devido à alta circulação de pessoas de diversas localidades, com fechamento de fronteiras, aeroportos, isolamento social e restrição ao turismo (GOVERNO FEDERAL, 2021).

4.2. Setor de serviços

Já no setor de serviços, cujo tem a maior participação no PIB e em número de empregados no Brasil, englobando comércio de produtos, serviços bancários, restaurantes, turismo, dentre outros. Em 2020, houve um recuo de 7,8%, afetado especialmente pelo isolamento social, fechamento de estabelecimentos cuja principal forma de atuação fosse presencial, forçando os empresário responsáveis por esses estabelecimentos a se reinventarem e aderir ao meio digital, como *e-commerce*. Porém, setor de eventos e turismo foram abalados fortemente devido à impossibilidade meio digitais no negócio. A queda de atividade no setor foi a maior da história, que até então, o maior marco foi em 2016 com -5% (GOMES, 2022).

No ano de 2021, foi apresentado um aumento de 10,9%, de modo que, todas as atividade resultaram em crescimento simultâneo em todas as regiões do país. Destaque fica com os setores de transporte, comunicação e prestação de serviços (GOMES, 2022).

Gráfico 15: Variação anual no setor de serviços no Brasil



Fonte: IBGE, 2022

O gráfico 15 apresenta a variação anual do setor de serviços no Brasil, nota-se a forte queda no ano de 2020 de 7,8% recuperada em 2021 com crescimento de 10,9 devido ao superávit de basicamente todos os setores econômicos do país, junto a

adequação das empresas ao novo modo de trabalho, voltada ao âmbito digital e mantendo parte do isolamento social para evitar o contágio da doença.

No ano de 2020, o comércio, um dos setores que mais contrata no Brasil, apresentou uma perda de 4% no seu número de empregados, 90,4% desses estavam atuando no setor de comércio varejista. O fechamento de empresas desse setor também chama a atenção, com uma queda de 7,4% no número de empresas listadas no setor de comércio. O setor atacadista apresenta maior parte da receita, com R\$ 2,3 trilhões enquanto o varejo apresentou uma receita R\$ 200 milhões menor (UMBERLÂNDIA, 2022).

Gráfico 16: Ações Magazine Luiza (MGLU3) no período de janeiro de 2020 à janeiro de 2022



Fonte: Infomoney.

Gráfico 17: Ações Lojas Renner (LREN3) no período de janeiro de 2020 à janeiro de 2022



Fonte: Infomoney.

Observa-se o resultado do setor comercial apresentado pela pesquisa nos gráficos 16 e 17 que demonstram a evolução do preço das ações da empresa Magazine Luiza (MGLU3) e Lojas Renner (LREN3). Conclui-se que no início de 2020 as ações apresentavam uma leve alta, de modo que, ações MGLU3 eram cotadas beirando R\$ 15,00 e LREN3 à aproximadamente R\$ 52,00, nos meses de janeiro e fevereiro. Já em março, temos uma forte queda devido à explosão da pandemia do COVID-19 no mundo, resultando em incertezas, desinvestimentos, isolamento social, derrubando fluxo de pessoas em lojas e shopping, por exemplo, além do aumento inflacionário que aumentou os preços de todos os produtos vendido no país, que no ano de 2020 aumento do índice IPCA foi de 4,52% e 2021 de 10,06%, influenciando fortemente na retração do PIB brasileiro durante a pandemia.

Os dois exemplos apresentados são referentes ao comércio varejista, e com possibilidade de recuperação via *e-commerce* buscando contornar o isolamento social, fechamento de lojas e baixa na demanda. Desse modo, fica nítido a recuperação mais forte da MGLU3, comparado à LREN3 nos demais meses, porém resulta no crescimento de 10,9% do setor comercial em 2021, frente a queda de 7,8% no ano anterior.

4.3. Setor de turismo

O setor hoteleiro foi um dos mais afetados durante o período estudado, especialmente pelo distanciamento social recomendado, bloqueio para viajantes entre estados e fechamentos de aeroportos. Segundo Forbes (2021) o fluxo internacional de turistas apresentou um decréscimo de 22% no ano de 2020 e uma queda de receita de até 30% comparada ao ano anterior, de modo que, o Brasil sofreu uma perda de R\$ 46,7 bilhões em faturamento voltado ao turismo.

O maior impacto dessa queda de fluxo de turistas foi mais sentida nos meses de maio a agosto de 2020, em cidades menores, geralmente de interior dos estados, com foco quase total em turismo, como Ipojuca-CE e Campos do Jordão-SP, já nas capitais o impacto foi moderado por apresentarem uma economia com maior diversificação (FORBES, 2021). Segundo a revista Valor (2022), 2020 o setor hoteleiro

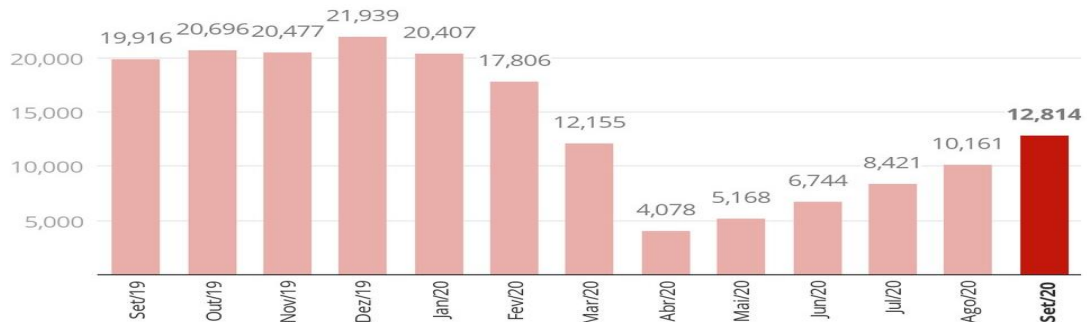
fecha com uma taxa de ocupação de 26,5% e 2021 de 43%, no período pré pandemia a taxa de ocupação estava em 60,2%.

A participação das receitas resultantes do turismo nos PIBs mundiais é variada, no Brasil, por exemplo, representa 7% do PIB nacional, segundo Embratur (2023), por outro lado, há regiões com maior dependência do turismo pelo mundo, como República das Maldivas (32,5%), Aruba (32%), Comunidades das Bahamas (19,5%), regiões essas que tiveram forte influência com a crise da pandemia do Covid-19. No Brasil, o turismo de massa é majoritariamente concentrado na porção oriental do território, especialmente na costa do país, algumas montanhas, como Gramado-RS e Campos do Jordão-SP e uma porção razoável sobre Minas Gerais e região Centro-Oeste, de modo que, segundo um estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em 2013, informa que os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais concentram mais de 50% do total de estabelecimentos voltados ao setor de turismo no país (CRUZ, 2020).

Segundo IBGE (2022), 2020 apresentou um total de R\$ 11,0 bilhões em gastos com turismo, já em 2021 esse gasto cai para R\$ 9,8 bilhões, de modo que o estado de São Paulo responde a 18,2%. Segundo o estudo realizado pela PNAD pelo IBGE, mesmo com a pandemia do Covid-19, entrevistados alegam que o principal motivo da redução seja por conta da falta de dinheiro.

A fim de proteger e minimizar os impactos econômicos no setor turístico e os profissionais que nele atuam, o governo junto ao Ministério do Turismo implantou ações de crédito e auxílio. A Lei Aldir Blanc garantiu uma renda emergencial aos profissionais desse setor, como artistas, professores de arte, contadores de história, renda essa, que seria paga três parcelas mensais de R\$ 600,00. Por meio do Fundo Geral do Turismo (Fungentur) foram liberados R\$ 5 bilhões com finalidade de financiamentos para empresas do setor, visando manutenção de empregos e evitar fechamento dessas, maioria Microempreendedores Individuais (MEI's), pequenas e médias empresas (GOVERNO FEDERAL, 2020).

Gráfico 18: Faturamento do setor de turismo em bilhões de reais no Brasil em 2019 e 2020

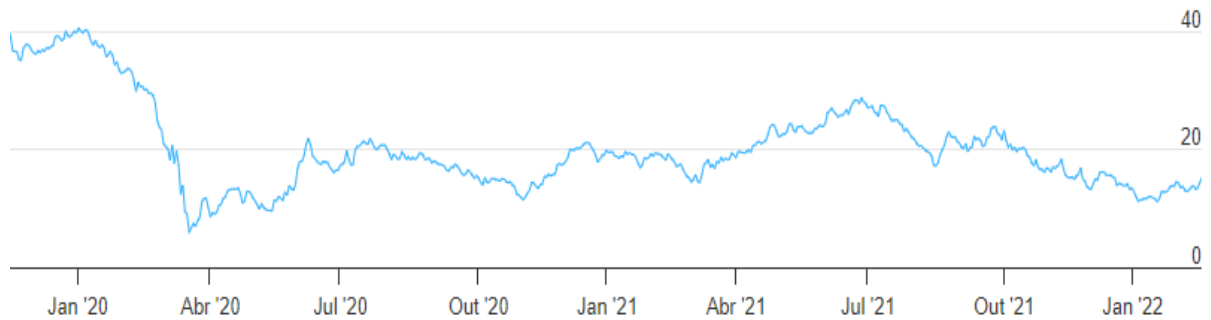


Fonte: G1, 2020

No gráfico 18, observa-se a queda do nível de atividade e por consequência a queda no faturamento do setor de turismo especialmente no mês de março a junho de 2020, devido à queda no fluxo de pessoas, distanciamento social, queda no nível de renda e emprego, alta na inflação, que forçou os cidadãos a manterem seus cuidados contra a doença e no quesito financeiro. Dessa forma, é fato que o faturamento resultante dos períodos pré pandemia não foram atingidos até o final do ano de 2020, por conta também da “segunda onda” da doença que ocorreu neste período, até o desenvolvimento e aplicação em massa da vacina contra a Covid-19 no próximo ano.

Já em 2021, segundo o Governo Federal (2022), em um estudo em parceria com o IBGE, aponta que foram registradas 12,3 milhões de viagens neste ano, sendo que 99,3% foram domésticas, ou seja, dentro do Brasil, com um gasto total de R\$ 9,8 bilhões, reduzindo ainda mais comparado a 2020 que fechou em R\$ 11 bilhões injetados na economia.

Gráfico 19: Ações CVC (CVCB3) no período de janeiro de 2020 à janeiro de 2022



Fonte: Infomoney.

Analisando o gráfico 19, que demonstra a variação do preço das ações da CVC Brasil, uma das principais empresas de agências de viagens brasileira, afirmamos que a queda de faturamento no setor, incertezas, desinvestimento, além dos motivos, já citados, impostos pela própria doença que impediu viagens e lazer de basicamente todos os cidadãos, especialmente no início do ano de 2020, casou uma queda abrupta no preço dos papéis, que não foi recuperado, embora em junho de 2021 houve uma tentativa de recuperação chegando a um valor de R\$ 28,00, porém em março chegou a despencar de R\$ 40,00 para menos de R\$ 6,00 o preço de cada ação da empresa.

4.4. Setor industrial

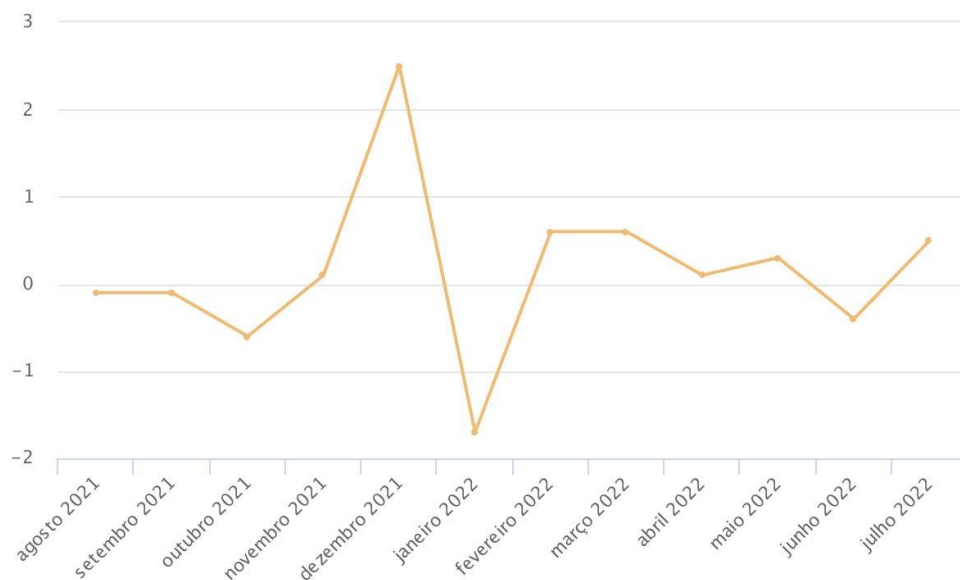
No que diz respeito ao setor industrial brasileiro no período da pandemia, observamos que o primeiro trimestre de 2020 a produção apresentou uma queda de 1,4% em relação ao mesmo período em 2019, resultado influenciado pelo desempenho negativo da indústria extrativa (-3,2%), construção civil (-2,4%) e indústria transformativa (-1,4%) (NASCIMENTO, NEVES, 2020). Já o acumulado da produção industrial no ano de 2020 fecha em uma retração de 4,5% segundo IBGE (ABDALA, 2021). A crise da Covid-19 atinge as indústrias principalmente pela forma de queda de demanda, chegando até a paralisação total das atividades de algumas. Muitas enfrentaram dificuldades de arcar com suas obrigações de pagamentos,

devido ao acesso mais limitado à capital de giro devido ao risco de crédito e inadimplência pela circunstância (FIEMA, 2020).

O setor industrial sofreu com a logística de transporte e aquisição de matérias primas e insumos, junto à queda de demanda, fortemente influenciado pelo poder de compra reduzido do cidadão brasileiro no período, resultou em uma queda de oferta do setor de indústria. No estudo feito pela Fiema, no estado do Maranhão, mais de 90% de empresários do ramo alegaram que a crise da pandemia do Coronavírus resultou em um impacto negativo sobre seu negócio, apenas 3% tiveram impacto positivo e 6% não quiseram responder (FIEMA, 2020).

Já no ano de 2021, a produção industrial volta a crescer, fechando o ano em uma alta de 3,9% comparado à 2020, porém ainda sofria com efeitos da pandemia, como isolamento social, queda de demanda, redução de oferta de matérias primas e insumos, dificuldade de acesso à crédito. O setor metalúrgico, vestuário, veículos e extrativo apresentaram destaques no ano (CAMPOS, 2022).

Gráfico 20: Produção industrial brasileira em agosto de 2021 à julho de 2022



Fonte: IBGE, 2022

O gráfico 20 retrata a evolução da produção industrial no país no período do segundo semestre de 2021 e primeiro semestre de 2022, período esse cujo o contágio

do vírus já não era alarmante como antes, devido às vacinas encaminhadas mundialmente, índice de isolamento social reduzido e tentativas de reestruturação econômica em processo. Observa-se um forte crescimento no final de 2021, com crescimento de 2,5% no mês de dezembro, seguido por uma forte retração no mês de janeiro de 2022 de 1,7% voltando nos próximos meses ao patamar aceitável e sem fortes variações.

Gráfico 21: índice do setor industrial (INDX) no período de janeiro de 2020 à janeiro de 2022



Fonte: InfoMoney.

O gráfico 21 apresenta o resultado do Índice do Setor Industrial (INDX), que busca refletir os ativos mais negociados desse setor na bolsa de valores brasileira. Observa-se uma forte queda no início de 2020, especialmente no primeiro trimestre, acompanhando basicamente todos os mercados, devido à chegada e expansão do vírus no país, causando incertezas e desinvestimento. O INDX sai de mais de 23.000 pontos em janeiro de 2020 para menos de 12.000, uma redução de 48%. Após esse período é possível perceber uma linha de tendência de crescimento até o primeiro semestre de 2021, resultante especialmente dos esforços fiscais para tentativas de reestabelecimento da economia brasileira. Dessa forma o índice INDX chega próximo dos 28.000 pontos em junho de 2021.

Gráfico 22: Ações Ambev SA (ABEV3) no período de janeiro de 2020 à janeiro de 2022



Fonte: InfoMoney.

Gráfico 23: Ações Klabin SA (KLBN4) no período de janeiro de 2020 à janeiro de 2022



Fonte: InfoMoney.

O comportamento do Índice do Setor Industrial (INDX) é refletido pelos ativos de empresas desse setor listadas na bolsa brasileira (B3). Utiliza-se como exemplo a empresa Ambev SA, listada na B3 como (ABEV3), sendo a maior cervejaria da América Latina, com grande peso no setor industrial brasileiro e seu resultado durante o período da crise do Covid-19 pode ser observado no gráfico 22. Outra empresa exemplificada é a Klabin SA (KLBN4) presente no gráfico 23, produtora e exportadora de papéis. No caso da Ambev SA observa-se a forte queda no início de 2020, com o preço do papel saindo de mais de R\$ 17,00 em janeiro para menos de 10,00 em março do mesmo ano, seguido de tentativas de recuperação durante os próximos meses, comportamento parecido sofreu a Klabin SA, com o preço do papel caindo de quase R\$ 4,00 para R\$ 2,28 em março. Ambas as empresas atingiram resultados

satisfatórios próximos à metade do ano de 2021, acompanhando tendência do índice INDX e os resultados da produção industrial no país.

A Covid-19 foi um agravante mundial em todos os âmbitos. No caso brasileiro, essa crise apresentou resultados ainda mais impactantes à população, desde instabilidades sanitárias, econômicas, sociais, governamentais e despreparo para situações de epidemia. Em 2022, com casos da doença já controlados e com efeito “pós pandemia” resultando em menor incerteza, o Produto Interno Bruto do Brasil fecha em uma alta de 2,9% comparado à 2021, somando R\$ 9,9 trilhões, levando o país à 12ª maior economia do mundo, resultado garantido pelo destaque do setor terciário de serviços e consumo, com bares, restaurantes e turismo de volta à atividade total, de forma que o consumo das famílias teve um crescimento de 4,3%, embora tenha apresentado um resultado positivo, o Brasil cresceu menos que o mundo nesse ano, de modo que, o PIB global apresentou um aumento de 3,2%. Já a taxa SELIC continua a crescer desde maio de 2021 e atingindo 13,75% em agosto de 2022, visando controlar o processo inflacionário brasileiro, porém dificulta acesso à crédito (RIVEIRA, 2023). A busca pela recuperação econômica também é vista pela taxa de desocupação que caiu à 9,3% no ano de 2022, índice esse que beirava 15% no ápice da crise do Coronavírus (BELANDI, 2023).

Portanto, ao analisar os setores econômicos separadamente, conclui-se que todos tiveram um efeito negativo em decorrência à crise da Covid-19, buscando a recuperação a partir do segundo semestre de 2020 e mais efetivamente a partir de 2021, com vacinas e maior controle sobre o contágio, mesmo com segunda e terceira “onda” da doença, e as políticas fiscais, monetárias e sociais incorporadas pelo Governo Federal para buscar a volta da economia nos patamares pré pandemia.

5. CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo apresentar o que foi e os impactos da pandemia do Covid-19 em especial no Brasil, que desencadeou não só uma crise sanitária como também uma crise econômica.

O novo Coronavírus gerou no Brasil e no mundo uma seleção de instabilidades e incertezas, na economia não foi diferente. A necessidade de isolamento social, a fim evitar o contágio, causou uma redução na demanda, nas jornadas e produção, além de queda na oferta de matérias primas, que influenciou o PIB, de modo que em 2020 apresentou queda de 4,1%. Já o poder de compra do brasileiro apresentou uma forte retração nos 2 primeiros anos da doença no país, com o IPCA aumentando 4,52% em 2020 e 10,06% em 2021.

O câmbio brasileiro também sofreu nesse período, com a cotação do dólar saindo de R\$4,00 no início de 2020 e atingindo R\$5,90 em maio. O governo brasileiro buscou uma política monetária expansionista, visando fomentar o aquecimento da economia e ao acesso à crédito, reduzindo a taxa básica de juros da economia (SELIC) para seu menor patamar histórico de 2,00%, bem como auxílios emergenciais para uma parte da população necessitada, gerando um endividamento público devido ao aumento do gasto do governo. Nesse primeiro ano da doença, o Brasil também tem um aumento no índice de desempregados, de modo que, a taxa cresce a um patamar de 13,5% e o número de trabalhadores afastados passava de 10 milhões em 2020.

O mercado financeiro passou a se alertar a partir de março de 2020, com quedas abruptas no índice Ibovespa, impactado também pelo conflito Rússia e OPEP referente ao petróleo, desvalorizando a commodity e as ações de empresas do setor, e nitidamente é visto um fenômeno de desinvestimento e incertezas no mercado.

Os setores da economia em quase sua totalidade passam por uma retração, em especial o setor terciário, serviços, transportes, turismo, industrial, de maneira que, o isolamento social junto ao fechamento de fronteiras, desemprego, ausência de insumos e inflação tenham sido os responsáveis, e apenas o setor agropecuário conseguiu se manter, evitando uma redução ainda maior dos índices econômicos

brasileiros. Alguns desses setores buscaram contornar a situação aderindo fortemente ao meio tecnológico, como no caso de lojas virtuais por meio de e-commerce, deliveries de comida, reduzindo o impacto do isolamento social.

Conclui-se que a pandemia da Covid-19 foi um grande desafio à nível global e principalmente no Brasil, o qual foi um dos grandes epicentros da doença devido ao elevado número de casos e mortes, resultado que foi apresentado pela fraca infraestrutura sanitária brasileira, especialmente em localidades remotas e ao descuido do governo perante à medidas protetivas com a população, que se manteve resiliente com inúmeros desafios, seja pelo desemprego crescente, processo inflacionário, e buscando evitar o contágio da doença. Caso o Governo Federal tivesse implementado medidas compatíveis às recomendadas pelas autoridades sanitárias em especial a Organização Mundial Da Saúde (OMS), o cenário econômico e social durante o período apresentado seria diferente, com impactos menos agressivos, e de menor duração.

REFERÊNCIAS

Abdala, V. **Produção industrial fecha 2020 com queda de 4,5%, diz IBGE.** Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-02/producao-industrial-fecha-2020-com-queda-de-45-diz-ibge>. Acesso em: 21 out. 2023.

ALESSI, G. **Doria anuncia vacinação contra covid-19 em janeiro e joga pressão sobre a Anvisa, que tem de autorizar aplicação.** 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-12-07/governo-de-sp-afirma-que-vacinacao-no-estado-comeca-no-dia-25-de-janeiro.html>. Acesso em: 28 mai. 2023.

Alvarenga, D. Gerbelli, L. Martins, R. **Como a pandemia ‘bagunçou’ a economia brasileira em 2020.** Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/12/12/como-a-pandemia-baguncou-a-economia-brasileira-em-2020.ghtml>. Acesso em: 23 ago. 2023.

Araújo, R. Santos, S. **O impacto no mercado financeiro brasileiro diante de uma pandemia: reflexões sobre o COVID-19 e a economia.** Disponível em: <https://periodicos.unisanta.br/index.php/ENPG/article/download/2563/1850> . Acesso em: 28 ago. 2023.

ASCOM SE/UMA-SUS, **OMS declara fim da emergência de saúde pública de importância internacional referente à COVID-19.** 2023. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/oms-declara-fim-da-emergencia-de-saude-publica-de-importancia-internacional-referente-a-covid-19>. Acesso em: 14 jun. 2023.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE SÃO PAULO, **DECRETO Nº 64.959, DE 04 DE MAIO DE 2020.** 2020. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/2020/decreto-64959-04.05.2020.html>. Acesso em: 28 mai. 2023.

AZEVEDO, J; BRAZ, A; CAMPELO, A; LIMA, T. **A pressão da inflação da pandemia sobre as famílias mais pobres.** 2022. Disponível em:

<https://portal.fgv.br/artigos/pressao-inflacao-pandemia-sobre-familias-mais-pobres>
acesso em: 17 jun. 2023.

Banco Central do Brasil. **Taxa Selic.** Disponível em:
<https://www.bcb.gov.br/controleinflacao/taxaselic> acesso em: 17 ago. 2023

Barros, A. **Com pandemia, 20 estados têm taxa média de desemprego recorde em 2020.** Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30235-com-pandemia-20-estados-tem-taxa-media-de-desemprego-recorde-em-2020>. Acesso em: 21 ago. 2023.

BBC, **Coronavírus: OMS declara pandemia.** 2020. Disponível em:
<https://www.bbc.com/portuguese/geral-51842518>. Acesso em: 28 mai. 2023.

Belandi, C. **Taxa média de desemprego cai a 9,3% em 2022, menor patamar desde 2015.** Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/36351-taxa-media-de-desemprego-cai-a-9-3-em-2022-menor-patamar-desde-2015>. Acesso em: 22 out. 2023.

BENITES, A; BORGES, R; JUCÁ, B. **Mandetta é demitido por Bolsonaro.** 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-04-16/mandetta-e-demitido-por-bolsonaro.html>. Acesso em: 28 mai. 2023.

Cabral, U. **De 2020 para 2021, gastos com turismo caem de R\$ 11,0 bilhões para R\$ 9,8 bilhões.** Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34228-de-2020-para-2021-gastos-com-turismo-caem-de-r-11-0-bilhoes-para-r-9-8-bilhoes>. Acesso em: 26 set. 2023.

Campos, A. **Produção industrial fecha 2021 com alta em 9 de 15 locais pesquisados.** Disponível em:
<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2022-02/producao-industrial-fecha-2021-com-alta-em-9-de-15-locais-pesquisados>. Acesso em: 21 out. 2023.

Carvalho, P. Marins, M. Rodrigues, M. Silva, J. Silva, K. **Auxílio Emergencial em tempos de pandemia.** Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/se/a/xJ7mwmL7hGx9dPDtthGYM3m/#>. Acesso em: 19 ago. 2023.

CASTRO, A. **CPI da Covid é criada pelo Senado**. 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/04/13/senado-cria-cpi-da-covid> . Acesso em: 28 mai. 2023.

CEPAL, **Pandemia provoca aumento nos níveis de pobreza sem precedentes nas últimas décadas e tem um forte impacto na desigualdade e no emprego**. 2021. Disponível em: <https://www.cepal.org/pt-br/comunicados/pandemia-provoca-aumento-niveis-pobreza-sem-precedentes-ultimas-decadas-tem-forte>. Acesso em: 17 jun. 2023.

CEPAL. **Uma convergência necessária para enfrentar a covid-19 e voltar ao caminho do desenvolvimento sustentável na América Latina e no Caribe**. Disponível em: https://www.cepal.org/sites/default/files/pr/files/hoja_informativa_-_ops_cepal._por.pdf. Acesso em: 30 ago. 2023

CNN, **‘Sou Messias, mas não faço milagre’, diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus**. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/e-a-vida-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus/>. Acesso em: 28 mai. 2023.

Confederação Nacional do Transporte. **Impactos da pandemia da Covid-19 no setor transportador brasileiro**. Disponível em: <https://cdn.cnt.org.br/diretorioVirtualPrd/04a0016d-c945-4603-9f90-dc7541275b50.pdf>. Acesso em: 12 set. 2023.

Conte, B. Coronel, D. Pinto, N. **Taxa Selic e a Economia Brasileira: Projeções e impactos da COVID-19**. Disponível em: https://www.osecovid19.cloud.ufsm.br/media/documents/2021/03/29/Analise_de_Conjuntura_07.pdf . Acesso em: 19 ago. 2023.

Cruz, R. **Impactos da pandemia no setor de turismo**. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/impactos-da-pandemia-no-setor-de-turismo/>. Acesso em: 26 set. 2023.

Delphino, R. Gonçalves, J. Oliveira, R. Pirro, B. Silva, A. Silva, M. **O impacto da pandemia do Covid-19 para as companhias aéreas e tripulantes.** Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/bjpe/article/view/38927/25540>. Acesso em: 12 set. 2023.

Embratur. **Fortalecer o turismo é compromisso com o Brasil.** Disponível em: <https://embratur.com.br/2023/04/27/fortalecer-o-turismo-e-compromisso-com-o-brasil/#:~:text=O%20turismo%20representa%207%25%20do,mais%20de%20500%20atividades%20econ%C3%B4micas>. Acesso em: 26 set. 2023.

Fiema. **Impactos da COVID-19 na indústria.** Disponível em: https://www.fiema.org.br/uploads/revista/10141/xHPiiDVhPGIQQqSEGrWqu_TVHPP1CqXM.pdf. Acesso em: 21 out. 2023.

Filho F. Peruchetti, P. **Quem mais sofreu com a queda de emprego no Brasil no ano de 2020.** Disponível em: <https://blogdoibre.fgv.br/posts/quem-mais-sofreu-com-queda-de-emprego-no-brasil-no-ano-de-2020> . Acesso em: 21 ago. 2023

FIOCRUZ, **A pandemia agravou a desigualdade de renda e a pobreza no Brasil.** 2021. Disponível em: <https://cee.fiocruz.br/?q=a-pandemia-agravou-a-desigualdade-de-renda-e-a-pobreza-no-brasil>. Acesso em: 17 jun. 2023.

Forbes. **Estudo mostra o impacto da pandemia em hotéis e restaurantes em regiões turísticas.** Disponível em: <https://forbes.com.br/forbeslife/2021/01/estudo-mostra-o-impacto-da-pandemia-em-hoteis-e-restaurantes-de-regioes-turisticas/>. Acesso em: 26 set. 2023.

Freitas, E. Lima, A. **A pandemia E Os Impactos Na Economia Brasileira.** 2020. Disponível: <https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/bee/article/view/4773/1873>. Acesso em: 16 ago. 2023.

G1. **100 milhões em 1 mês: com alta da ômicron, mundo passa dos 400 milhões de casos de Covid.** 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/02/09/com-alta-de-omicron-mundo-passa-dos-400-milhoes-de-casos-de-covid.ghtml>. Acesso em: 16 mai. 2023.

G1. Faturamento do turismo tem 5º mês de recuperação, mas segue abaixo do nível pré-pandemia. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/11/03/faturamento-do-turismo-tem-5o-mes-de-recuperacao-mas-segue-abaixo-do-nivel-pre-pandemia.ghtml>. Acesso em: 28 set. 2023.

Gomes, I. **Com serviços afetados pela pandemia, PIB de 2020 cai 3,3%.** Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35349-com-servicos-afetados-pela-pandemia-pib-de-2020-cai-3-3>. Acesso em: 15 set. 2023.

Gomes, I. **Inflação sobe 0,73% em dezembro e fecha 2021 com alta de 10,06%.** Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/32725-inflacao-sobe-0-73-em-dezembro-e-fecha-2021-com-alta-de-10-06>. Acesso em: 23 ago. 2023.

Gomes, I. **Setor de serviços cresce 10,9% em 2021 e supera perdas de 2020.** Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/32953-setor-de-servicos-cresce-10-9-em-2021-e-supera-perdas-de-2020>. Acesso em: 14 set. 2023

GOVERNO BRASILEIRO, **Anvisa aprova vacina da Pfizer contra Covid para crianças de 5 a 11 anos.** 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/noticias-anvisa/2021/anvisa-aprova-vacina-da-pfizer-contra-covid-para-criancas-de-5-a-11-anos>. Acesso em: 28 mai. 2023.

GOVERNO BRASILEIRO, **Serviços essenciais – COVID-19.** 2020. Disponível em: <https://www4.planalto.gov.br/legislacao/imagens/servicos-essenciais-covid-19>. Acesso em 28 mai. 2023.

GOVERNO BRASILEIRO. **Conheça o Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (PRONAMPE).** 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/credito/pronampe>. Acesso em: 14 jun. 2023.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Isolamento social em São Paulo é de 47%, aponta Sistema de Monitoramento Inteligente.** 2020. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/isolamento-social-em-sao-paulo-e-de-47-aponta-sistema-de-monitoramento-inteligente-4/> Acesso em: 16 ago. 2023.

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, **Situação da distribuição de vacinas no Espírito Santo.** 2023. Disponível em: <https://coronavirus.es.gov.br/>. Acesso em: 28 mai. 2023.

Governo Federal. **Ações federais em 2020 protegem setor do turismo, um dos mais atingidos em função da Covid-19.** Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/viagens-e-turismo/2020/12/acoes-federais-em-2020-protegem-setor-do-turismo-um-dos-mais-atingidos-em-funcao-da-covid-19>. Acesso em: 28 set. 2023.

Governo Federal. **Brasil registra 12,3 milhões de viagens em 2021, com R\$ 9,8 bilhões injetados na economia.** Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/brasil-registra-12-3-milhoes-de-viagens-em-2021-com-r-9-8-bilhoes-injetados-na-economia>. Acesso em: 28 set. 2023.

Governo Federal. **Demanda e oferta continuam sob impacto da Covid-19 um ano após pandemia atingir o setor.** Disponível em: <https://www.gov.br/anac/pt-br/noticias/2021/demanda-e-oferta-continuam-sob-impacto-da-covid-19-um-ano-apos-pandemia-atingir-o-setor>. Acesso em: 19 out. 2023.

Governo Federal. **Desemprego no país cai para 11,1% no quarto trimestre de 2021.** Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/trabalho-e-previdencia/2022/02/desemprego-no-pais-cai-para-11-1-no-quarto-trimestre-de-2021#:~:text=A%20taxa%20de%20desemprego%20no,chegava%20a%2012%2C6%25>. Acesso em: 21 ago. 2023.

Governo Federal. **Livro avalia os impactos da pandemia de Covid-19 no mercado de trabalho.** Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/porta1/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/13427-livro-avalia-os-impactos-da-pandemia-de-covid-19-no-mercado-de-trabalho#:~:text=Ainda%20assim%2C%20a%20mais%20recente,no%20segundo%20trimestre%20de%202020>. Acesso em: 21 ago. 2023.

Governo Federal. **Ministério da Economia divulga lista dos setores mais afetados pela pandemia da Covid-19 no Brasil.** Disponível em: <https://www.gov.br/economia/pt-br/assuntos/noticias/2020/setembro/ministerio-da-economia-divulga-lista-dos-setores-mais-afetados-pela-pandemia-da-covid-19-no-brasil>. Acesso em: 12 set. 2023.

Gruber, A. **Covid-19: o que se sabe sobre a origem da doença.** Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/covid2-o-que-se-sabe-sobre-a-origem-da-doenca/>. Acesso em: 05 nov. 2023.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Inflação acelera em dezembro e chega a 4,52% em 2020, a maior alta desde 2016.** Disponível em: [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/29871-inflacao-acelera-em-dezembro-e-chega-a-4-52-em-2020-a-maior-alta-desde-2016#:~:text=A%20infla%C3%A7%C3%A3o%20fechou%202020%20com,hoje%20\(12\)%20pelo%20IBGE](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/29871-inflacao-acelera-em-dezembro-e-chega-a-4-52-em-2020-a-maior-alta-desde-2016#:~:text=A%20infla%C3%A7%C3%A3o%20fechou%202020%20com,hoje%20(12)%20pelo%20IBGE). Acesso em: 17 ago. 2023.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **PIB cai 4,1% em 2020 e fecha o ano em R\$ 7,4 trilhões.** 2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/30165-pib-cai-4-1-em-2020-e-fecha-o-ano-em-r-7-4-trilhoes#:~:text=Em%202020%2C%20tendo%20em%20vista,s%C3%A9rie%20hist%C3%B3rica%2C%20iniciada%20em%201996.&text=Houve%20alta%20somente%20na%20Agropecu%C3%A1ria,7%2C4%20trilh%C3%B5es%20em%202020>. Acesso em: 16 ago. 2023.

IBGE. **PIB cresce 4,6% em 2021 e fecha o ano em R\$ 8,7 trilhões.** Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/33067-pib-cresce-4-6-em-2021-e-fecha-o-ano-em-r-8-7-trilhoes>. Acesso em: 23 ago. 2023.

Infomoney. **Ambev SA (ABEV3).** Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/cotacoes/b3/acao/ambev-abev3/>. Acesso em: 21 out. 2023.

Infomoney. **AZUL (AZUL4).** Disponível em:
<https://www.infomoney.com.br/cotacoes/b3/acao/azul-azul4/grafico/>. Acesso em: 13 set. 2023.

Infomoney. **CCR (CCRO3).** Disponível em:
<https://www.infomoney.com.br/cotacoes/b3/acao/ccr-ccro3/grafico/>. Acesso em: 13 set. 2023.

Infomoney. **CVC (CVCB3).** Disponível em:
<https://www.infomoney.com.br/cotacoes/b3/acao/cvc-brasil-cvcb3/grafico/>. Acesso em: 28 set. 2023.

Infomoney. **Ibovespa.** Disponível em:
<https://www.infomoney.com.br/cotacoes/b3/indice/ibovespa/grafico/>. Acesso em: 11 out. 2023.

Infomoney. **Industrial (INDX).** Disponível em:
<https://www.infomoney.com.br/cotacoes/b3/indice/indx/>. Acesso em: 21 out. 2023.

Infomoney. **Klabin SA (KLBN4).** Disponível em:
<https://www.infomoney.com.br/cotacoes/b3/acao/klabin-klbn4/grafico/>. Acesso em: 21 out. 2023.

Infomoney. **Lojas Renner (LREN3).** Disponível em:
<https://www.infomoney.com.br/cotacoes/b3/acao/lojas-renner-lren3/grafico/>. Acesso em: 14 set. 2023.

Infomoney. **Magazine Luiza (MGLU3).** Disponível em:
<https://www.infomoney.com.br/cotacoes/b3/acao/magazine-luiza-mglu3/grafico/>. Acesso em: 14 set. 2023.

LANDIM, R. **Brasil está acima da média global na vacinação contra a Covid-19.** 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/brasil-esta-acima-da-media-global-na-vacinacao-contr-a-covid-19/>. Acesso em: 28 mai. 2023.

Lima, A. **Impactos da COVID-19 na volatilidade do câmbio brasileiro.** Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/32827>. Acesso em: 21 ago. 2023

Lopes, M. **Análise dos Efeitos da Pandemia da Covid-19 na Economia Mundial e no Sistema Conselho Federal de Enfermagem/Conselho Regional de Enfermagem do Amazonas.** Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/41372?mode=full> . Acesso em: 19 ago. 2023.

MACHADO, F. **Coronavírus: Nelson Teich pede demissão do Ministério da Saúde.** 2020. Disponível em: <https://www.suno.com.br/noticias/coronavirus-nelson-teich-pede-demissao-do-ministerio-da-saude/>. Acesso em: 28 mai. 2023.

MEIRELLES, M. **79% dos brasileiros buscaram crédito durante a pandemia de Covid-19, diz Serasa.** 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/79-dos-brasileiros-buscaram-credito-durante-a-pandemia-de-covid-19-diz-serasa/>. Acesso em: 17 jun. 2023.

Mota, J. **Impacto da COVID-19 nas exportações das principais Commodities brasileiras.** Disponível: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10607/1/Radar_65_impacto_COVID-19_exportacoes.pdf. Acesso em: 21 ago. 2023.

NARDY, L. **PANDEMIA DA COVID-19 NO BRASIL: impactos no trabalho das mulheres.** 2021. Monografia – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Nascimento, I; Neves, O. **Impacto da pandemia na indústria nacional e desafios para o setor.** Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/revistadebateeconomico/article/view/1754/1296>. Acesso em: 21 out. 2023.

ORTIZ, D. **Bolsonaro dá posse a Marcelo Queiroga como ministro da Saúde em cerimônia reservada.** 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/03/23/bolsonaro-da-posse-a-marcelo-queiroga-como-ministro-da-saude.ghtml> . Acesso em: 28 mai. 2023.

PASQUINI, P. **Brasil ultrapassa EUA em taxa de vacinação completa contra a Covid.** 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/11/brasil-ultrapassa-eua-em-taxa-de-vacinacao-completa-contra-a-covid.shtml>. Acesso em: 28 mai. 2023.

Pereira, D. **Produção industrial avança 0,6% em julho, mas continua abaixo do patamar pré-pandemia.** Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34771-producao-industrial-avanca-0-6-em-julho-mas-continua-abaixo-do-patamar-pre-pandemia>. Acesso em: 21 out. 2023.

Ribeiro, A. Tair, E. **Dívida líquida vai a 60% do PIB pela 1ª vez desde 2003.** Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2020/09/01/divida-liquida-vai-a-60-do-pib-pela-1a-vez-desde-2003.ghtml> . Acesso em: 17 ago. 2023.

Riveira, C. **Balanco do PIB: Consumo e serviços pós-pandemia seguram, mas efeito acabou.** Disponível em: <https://exame.com/economia/balanco-do-pib-consumo-e-servicos-pos-pandemia-seguraram-mas-efeito-acabou/>. Acesso em: 22 out. 2023.

RONAN, G. **Brasil fecha 2020 com 194.949 mortes por COVID-19.** 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/12/31/interna_nacional,1225164/brasil-fecha-2020-com-194-949-mortes-por-covid-19.shtml. Acesso em: 28 mai. 2023.

SANAR (org.). **Linha do tempo do Coronavírus no Brasil.** 2020. Disponível em: <https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>. Acesso em: 30 abr. 2023.

Santos P. **PIB do Brasil tem em 2020 maior recuo anual desde 1996, diz IBGE.** 2021. Disponível em: <https://www.suno.com.br/noticias/pib-brasil-2020-cai-4-1/>. Acesso em: 16 ago. 2023.

Senna, J. **É CHEGADA A HORA DE AJUSTAR A SELIC.** Disponível em: <https://portal.fgv.br/artigos/e-chegada-hora-ajustar-selic>. Acesso em: 17 ago. 2023.

SILVEIRA, D. **Número de desempregados diante da pandemia tem alta de 26% em sete semanas, diz IBGE.** 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/07/17/desemprego-diante-da-pandemia-volta-a-ter-alta-apos-leve-queda-aponta-ibge.ghtml> . Acesso em: 14 jun. 2023.

SP1, **Primeiro anúncio de uma morte por Covid-19 no Brasil completa um ano.** 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/03/17/anuncio-da-primeira-morte-por-covid-19-no-brasil-completa-um-ano.ghtml>. Acesso em: 28 mai. 2023.

THE WORLD BANK. **Os impactos econômicos da crise da Covid-19.** 2022. Disponível em: <https://www.worldbank.org/pt/publication/wdr2022/brief/chapter-1-introduction-the-economic-impacts-of-the-covid-19-crisis>. Acesso em: 14 jun. 2023.

UFPEL, **Modelagem matemática do COVID-19: Atualização 01.05.2020.** 2020. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/fentransporte/2020/05/01/modelagem-matematica-do-covid-19-atualizacao-de-01-05-2020/>. Acesso em 28 mai 2023.

Umberlândia, C. **Comércio tem queda recorde de 4% nos postos de trabalho em 2020.** Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34676-comercio-tem-queda-recorde-de-4-nos-postos-de-trabalho-em-2020>. Acesso em: 14 set. 2023

UNA-SUS, **Coronavírus: Brasil confirma primeiro caso da doença.** 2020. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca>. Acesso em: 28 mai. 2023.

UOL, **‘Gripezinha’: leia a íntegra do pronunciamento de Bolsonaro sobre COVID-19.** 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm> . Acesso em: 28 mai. 2023.

Valor Online. **Hotelaria no Brasil só terá retomada total em 2023, aponta estudo.** Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/09/15/hotelaria-no-brasil-so-tera-retomada-total-em-2023-aponta-estudo.ghtml>. Acesso em: 26 set. 2023.

VASCONCELLOS, J. **Trump, proíbe entrada de estrangeiros nos EUA a partir do Brasil.** 2020. Disponível em:

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2020/05/24/interna_mundo,857918/trump-proibe-entrada-de-estrangeiros-nos-eua-a-partir-do-brasil.shtml.

Acesso em: 28 mai. 2023.

World Bank. **Capítulo 1. Os impactos econômicos da crise da Covid-19.** Disponível em: <https://www.worldbank.org/pt/publication/wdr2022/brief/chapter-1-introduction-the-economic-impacts-of-the-covid-19-crisis>. Acesso em: 21 ago. 2023.

World Bank. **Capítulo 4. Empréstimos durante e após a recuperação.** Disponível em: <https://www.worldbank.org/pt/publication/wdr2022/brief/chapter-4-lending-during-the-recovery-and-beyond>. Acesso em: 21 ago. 2023

World Bank. **Capítulo 5. Gestão da dívida pública.** Disponível em: <https://www.worldbank.org/pt/publication/wdr2022/brief/chapter-5-managing-sovereign-debt>. Acesso em: 21 ago. 2023.